

Paulo R. Santos



Torre de Marfim



Romance sobre a escravidão no Brasil

EMME
EDITORA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Torre de marfim

[Romance sobre a escravidão no [Brasil]]

1ª edição fevereiro/2002 - 3.000 exemplares

Capa: *Criação e arte-final: André Stenico*

Ilustração: Óleo sobre tela, "Vista de Vila Rica", 1820, de Armand Julien Pallière — Museu da Inconfidência, Ouro Preto-Brasil Ilustrações internas: Artista Plástico DR Perillo Revisão: Rubens Toledo Diagramação e Arte: André Stenico E-mail do autor: horeb@softhome.net

Ficha Catalográfica Santos, Paulo R. (1957)

Torre de Marfim - Romance sobre a escravidão no Brasil, Paulo Roberto Santos, 1ª edição fevereiro/ 2002, Editora EME, Capivari-SP.

154 p.

1 - Escravidão no Brasil - Romance

2 - Literatura espírita Brasil/Escravidão

CDD 133.9

Dedicatória:

A todos os heróis anônimos que, como Martin Luther King, Nelson Mandela e o Mahatma Ghandi, souberam sair de si mesmos para ir em busca do bom combate em favor da liberdade e dos direitos fundamentais do ser humano.

O Autor

Reencamação:

(...)

Recorda que, se fosses arrebatado ao Céu, não tolerarias o gozo estanque, sabendo que os teus filhos se agitam no torvelinho infernal. De imediato, solicitarias a descida aos tormentos da treva para ajudá-los na travessia da angústia...

Lembra-te disso e compreenderás, por fim, a grandeza do Cristo que, sem débito algum, condicionou-se às nossas deficiências, aceitando, para ajudar-nos a cruz dos ladrões, para que todos consigamos, na glória de seu amor, soerguer-nos da morte no erro à bênção da Vida Eterna.

Emmanuel/Chico Xavier "Religião dos Espíritos"/1960/FEB

Sumário:

Um caso real, 9 Depoimento, 13 Introdução, 27

I Parte

Uma nova vida, 33 Capítulo I

A jornada para o Oeste, 35 Capítulo II

A aldeia de Anzai, 49 Capítulo III

Plantio e colheita, 61

Capítulo IV

A chegada dos indígenas, 71 Capítulo V

Ludnda e Jourdain, 79

II Parte

Construção de um novo mundo, 93

Capítulo VI O combate, 95 Capítulo VE

Rumo ao Noroeste, 105 Capítulo VIII

O novo quilombo, 115 Capítulo IX

O mundo dos vivos e o mundo dos mortos, 125 Capítulo X

Crepúsculo, 135

Notas, 149

Um caso real

"COLOCAMOS O depoimento de um ex-escravocrata como introdução deste livro. Um depoimento dado pela mediunidade de Chico Xavier, não com o intuito de chamar a atenção para o erro cometido por esse irmão desencarnado, mas com a finalidade de despertar consciências ainda presas a preceitos e preconceitos equivocados relacionados à etnia, classe, casta, poder, prestígio ou status econômico-financeiro, de modo a prevenir situações semelhantes e conseqüências parecidas.

Somos os construtores de nosso destino. Vale dizer, de nossa condição espiritual mais ou menos feliz no futuro, em conseqüência do que somos, pensamos e fazemos no presente. O Espírito que assinou simplesmente J.P., confessa seus graves erros daqueles tempos, quando se procurava acabar com a escravidão no Brasil (segunda metade do século XIX) e ele, na condição de senhor de escravos, se opunha formalmente. Cem anos depois, apresenta-se arrependido, mas ainda submetido à dor da consciência, apesar do perdão de uma de suas principais vítimas.

O texto mediúnico demonstra bem o estado de perturbação moral e espiritual em que ainda se encontrava o antigo escravocrata, um século após os acontecimentos. É um alerta para os atuais aproveitadores da fraqueza e da ignorância de muitos. Um aviso aos mantenedores da servidão econômica. Um grito de revolta pelos desmandos provenientes da indigência espiritual de tantos que se alojam nos núcleos do poder político e econômico, negligenciando, de forma consciente ou não, suas responsabilidades presentes e futuras, atrelando-se a compromentimentos e conseqüências tão infelizes quanto aquelas que atingiram o nosso J.P., e para as quais deverão dar solução, oportunamente, em atendimento às exigências da própria consciência, e às leis divinas que regem os homens e os mundos.

Se esse depoimento é o coração aberto de um homem que se reconhece devedor de si mesmo, e a demonstração de sua boa vontade em redimir-se, o romance tenta recriar situações comuns da época, como dissemos, aliando ficção e realidade, para que o leitor compreenda melhor o conjunto de reflexões propostas.

Certamente, passará pela mente do leitor, como passou pela do Autor, a pergunta: serão outros os cenários e o momento histórico, mas não serão ainda os mesmos atores, agindo hoje como agiram ontem?

Que o prezado leitor possa tirar o melhor proveito dessa leitura. Que as reflexões que dela advenham, sejam úteis no seu cotidiano, hoje. Que os erros e enganos de outros, em outros tempos, não sejam mais repetidos e que possamos dar realmente continuidade à criação de uma nova sociedade, mais humana, mais fraterna, mais igualitária e mais livre.

O Autor

Depoimento

"A MENSAGEM de J. P., que designamos apenas por suas iniciais, em virtude da comovente lição que nos traz, foi recebida na noite de 13 de maio de 1954, no encerramento de nossas tarefas.

Para elucidar certas passagens desta comunicação psicofônica, é forçoso esclarecer que ele nos visitara anteriormente sendo socorrido pela doutrinação evangélica.

É curioso notar que uma de nossas irmãs, elemento efetivo de nosso Grupo e esposa de um dos nossos companheiros, meses antes da mensagem que aqui transcrevemos, revelava todos os sintomas de uma gravidez aparente e dolorosa, tendo sido tratada espontaneamente, em várias reuniões sucessivas, por um de nossos Benfeitores Espirituais, que, carinhosamente, a libertou, através de passes magnéticos, das estranhas impressões de que se via possuída.

Com grande surpresa para nós, viemos então a saber que o Espírito J. P. era o candidato ao renascimento que não chegou a positivar-se.

Creemos sejam necessárias as presentes anotações, não só para que a mensagem seja devidamente aclarada, como também para estudarmos importantes incidentes que podem ocorrer, entre dois mundos, em nossa vida comum.

Com a inflexão de quem chorava intimamente, o visitante assim se expressou, sensibilizando-nos a todos:

13 de maio de 1954!...

Há precisamente sessenta e seis anos eram declarados livres todos os escravos no território brasileiro.

E talvez comemorando o acontecimento, determinam os instrutores desta casa vos fale algo de minha história, de minha escura história, porquanto, em seus últimos lances, ela se encontra de certo modo associada à obra espiritual de vosso Grupo.

J. P. foi o meu nome em Vassouras, a fidalga Vassouras do Segundo Império.

Resumirei meu caso, tanto quanto possível, porque, como é fácil perceberdes, não passo ainda de pobre viajante da sombra, em árduo serviço na própria regeneração.

Em março de 1888 fui convidado a participar de expressiva reunião da Câmara Vassourense por meu velho amigo Dr. Correia e Castro.¹

Cogitava-se da adoção de medidas compatíveis com a campanha abolicionista, então na culminância.

Alguns conselheiros propuseram que todos os fazendeiros do Município instituíssem a liberdade espontânea, a favor do elemento cativo, com a obrigação de os escravos alforriados prosseguirem trabalhando, por mais cinco anos consecutivos, numa tentativa de preservação da economia regional.

Discussões surgiram acaloradas.

Diversos agricultores inclinavam-se à ponderação e à benevolência.

Entretanto, eu era daqueles que pugnavam pela escravatura irrestrita.

Encolerizado, ergui minha voz.

Admitia que o negro havia nascido para o eito.

Nada de concessões nem transações.

O senhor era senhor com direito absoluto; o escravo era escravo com irremediável dependência.

Aderi ao movimento contrário à proposta havida, e nós, os da violência e da crueldade, ganhamos a causa da intolerância porque, então, Vassouras prosseguiu esperando as surpresas governamentais, sem qualquer alteração.

De volta ao lar, porém, m m a saber que a inspiração da providência sugerida partira inicialmente de um homem simples, de um homem escravizado...

¹-O comunicante refere-se a pessoa de suas relações íntimas, em 1888. — Nota do organizador.

*Esse homem era Ricardo, servo de minha casa, a quem presumia dedicar minha melhor afeição.
Era meu companheiro, meu confidente, meu amigo...*

Inteligência invulgar, traduzia o francês com facilidade. Comentávamos juntos as notícias da Europa e as intrigas da Corte... Muitas vezes, era ele o escrivão predileto em meus documentários, orientador nos problemas graves e irmão nas horas difíceis...

Minha amizade, contudo, não passava de egoísmo implacável.

Admirava-lhe as qualidades inatas e aproveitava-lhe o concurso, como quem se reconhece dono de um animal raro, e queria-o como se não passasse de mera propriedade minha.

Enraivecido, propus-me castigá-lo.

E, para escarmento das senzalas, na sombra da noite, determinei a imediata prisão de quem havia sido para mim todo um refúgio de respeito e carinho, qual se me fora filho ou pai.

Ricardo não se irritou ante o desmando a que me entregava.

Respondeu-me às perguntas com resignação e dignidade.

Calmo, não se abateu diante de minhas exigências.

Explicou-se, imperturbável e sereno, sem trair a humildade que lhe brilhava no Espírito.

Aquela superioridade moral atçou-me a ira.

Golpeado em meu orgulho, ordenei que a prisão no tronco fosse transformada em suplício.

Gritei, desesperado.

Assemelhava-me a fera a cair sobre a presa.

Reuni minha gente, e as pancadas — triste é recordá-las! — dilaceraram-lhe o dorso nu, sob meus olhos impassíveis.

O sangue do companheiro jorrou, abundante.

A vítima, contudo, longe de exasperar-se, entrara em lacrimoso silêncio.

E, humilhado por minha vez, em face daquela resistência tranqüila, induzi o capataz a massacrar-lhe as mãos e os pés.

A recomendação foi cumprida.

Logo após, porque o sangue borbotasse sem peias, meu carrasco desatou-lhe os grilhões...

Ricardo, na agonia, estava livre...

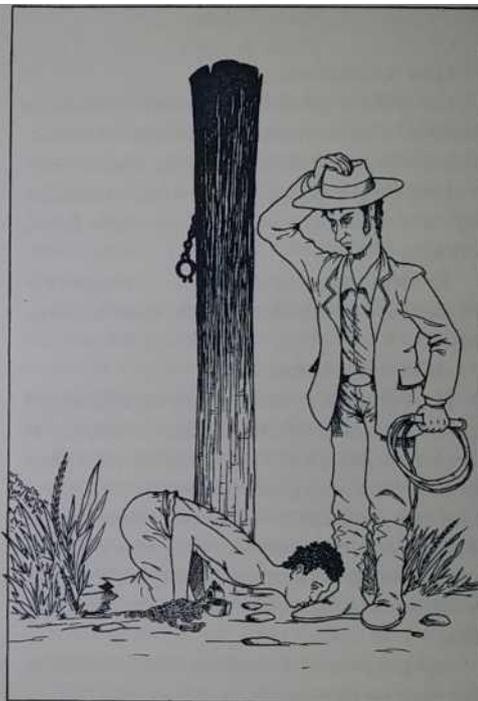
Mas aquele homem, que parecia guardar no peito um coração diferente, ainda teve forças para arrastar-se, nas vascas da morte, e, endereçando-me inesquecível olhar, inclinou-se à maneira de um cão agonizante e beijou-me os pés...

Não acredito estejais em condições de compreender o martírio de um Espírito que abandona a Terra, na posição em que a deixei...

Um pelourinho de brasas que me retivesse por mil anos sucessivos talvez me fizesse sofrer menos, pois desde aquele instante a existência se me tomou insuportável e odiosa.

A Lei Áurea não me ocupou o pensamento.

E quando a morte me requisitou à verdade, não encontrei no imo do meu ser senão austero tribunal, como que instalado dentro de mim mesmo, funcionando em ativo julgamento que me parecia nunca terminar...



...aquele homem, que parecia guardar no peito um coração diferente, ainda teve forças para arrastar-se, nas vascas da morte, e, endereçando-me inesquecível olhar, inclinou-se à maneira de um cão agonizante e beijou-me os pés...

Lutei infinitamente.

Um homem perdido por séculos, em noite tenebrosa, creio eu, padece menos que a alma culpada, assinalando a voz gritante da própria consciência.

Perdi a noção do tempo, porque o tempo para quem sofre sem esperança se transforma numa eternidade de aflição.

Sei apenas que, em dado instante, na treva em que me debatia, a voz de Ricardo se fez ouvir aos meus pés:

— Meu filho!... meu filho!...

Num prodígio de memória, em vago relâmpago que luziu na escuridão de minha alma, recordei cenas que haviam ficado a distância², quadros que a carne da Terra havia conseguido transitoriamente apagar...

Com emoção indizível, vi-me de novo nos braços de Ricardo, nele identificando meu próprio pai... meu próprio pai que eu algemara cruelmente ao poste de martírio e a cuja flagelação eu assistira, insensível, até o fim...

Não posso entender os sentimentos contraditórios que então me dominaram...

Envergonhado, em vão tentei fugir de mim mesmo.

Em desabalada carreira, desprendi-me dos braços carinhosos que me enlaçavam e busquei a sombra, qual o morcego que se compraz tão-somente com a noite, a fim de chorar o remorso que meu pai, meu amigo, meu escravo e minha vítima não poderia compreender...

No entanto, como se a Justiça, naquele momento, houvesse acabado de lavrar contra mim a merecida sentença condenatória, após tantos anos de inquietação, reconheci, assombrado, que meus pés e minhas mãos estavam retorcidos...

Procurei levantar-me e não consegui.

A Justiça vencera.

Achava-me reduzido à condição de um lobo mutilado e urrei de dor. Mas, nessa dor, não encontrei senão aquelas mesmas criaturas que eu havia maltratado, velhos cativos que me haviam conhecido a

² - Ao contacto do benfeitor espiritual, a entidade sofredora entrou a lembrar-se de existência anterior, em que a vítima lhe fora pai na experiência terrestre. — Nota do organizador.

truculência... E, por muitos deles, fui também submetido a processos pavorosos de dilaceração.³

Passei, porém, a rejubilar-me com isso.

Guardava, no fundo, a consolação do criminoso que se sente, de alguma sorte, reabilitado com a punição que lhe é imposta.

A expiação era serviço que eu devia à minha própria alma.

Se algum dia pudesse rever Ricardo — refletia — que eu comparecesse diante dele como alguém que lhe havia experimentado as provações.

Lutei muito, repito-vos!...

Sofri terrivelmente, até que, certa noite, fui conduzido por invisíveis mãos ao lar de um companheiro em cuja simpatia recolhi algum descanso...

Aí, de semana a semana, comecei a ouvir palavras diferentes, ensinamentos diversos, explicações renovadoras.⁴

Modificaram-se-me os pensamentos.

Doce bálsamo alcançou-me o espírito dolorido.

E, desse santuário de transformação, vim, certa feita, ao vosso Grupo.⁵

Há quase dois anos, tive o conforto de desabafar-me convosco, de falar-vos de meus padecimentos e de receber-vos o óbolo de fraternidade e oração.

Mas porque desejasse associar-me mais intimamente ao lar em que me reformava, atirei-me apaixonadamente aos braços dos amigos que me acolhiam, intentando consolidar mais amplamente a nossa afeição.

Queria renascer, projetando-me em vosso ambiente... Para isso, busquei-vos como o sedento anseia pela fonte... E tudo fiz para exteriorizar-me; entretanto, eu não possuía forças para mentalizar as mãos e os pés!...

Se eu retomasse a carne, seria um monstro; e se concretizasse meu sonho louco, teria cometido tremendo abuso...

Além disso, estaria na posição de um aleijado, simplesmente regressando do inferno que havia gerado para si mesmo.

Nesse ínterim, contudo, os instrutores de vossa casa me socorreram...

Auxiliaram-me, sem alarde, noite a noite, e, graças ao Senhor, meu propósito foi frustrado.

Mas, se é verdade que não pude retratar-me de novo, no campo da densa matéria, para tentar o caminho de reencontro com Ricardo, recebi convosco, ao contacto da prece, o reajuste de minhas mãos e de meus pés.

Orando em vossa companhia e mentalizando a minha renovação em Cristo, minha vida ressurgiu transformada.

Agora, esperarei o dia de minha volta ao campo normal da experiência humana, a fim de, em me banhando na corrente da vida física, apagar o passado e limpar minhas culpas, através do trabalho, com a minha justa escravização ao dever, para, então, mais tarde, cogitar da suspirada ascensão.

Mas, porque recompus minha forma, aqui estou convosco e vos digo:

— Aleluia!...

— Viva a liberdade!...

Louvo a liberdade que me permite agora pensar em receber o bem-aventurado cativo da prova,

³ - Refere-se o comunicante a sofrimentos que experimentou nas regiões inferiores da vida espiritual, sob a vingança de muitas das suas antigas vítimas revoltadas. — Nota do organizador.

⁴ - Refere-se o comunicante ao culto doméstico do Evangelho, existente no lar do nosso companheiro de quem se havia aproximado.

⁵ - A entidade reporta-se à primeira visita que fez ao nosso Grupo, quando foi atendida por nossa casa, através da incorporação mediúcnica, em 1952. — Notas do organizador.

favorecendo-me por fim o galardão da cura!...

Amigos, eis que nos achamos em 13 de maio de 1954!...

Para minha alma, depois de 66 anos, raia um novo dia...

Para mim, a luz não tarda!... a luz de renascer! E assim me expressei, porque somente na esfera de luta em que vos encontrais como privilegiados tarefeiros, por bondade de Nosso Senhor Jesus-Cristo, é que poderei encontrar o sol da redenção.

Agradeço-vos a todos, recomendando-me feliz às preces de todos os companheiros, preces que constituem vibrações de amor que ainda me empenho em recolher, como sementes de renovação para o dia de amanhã que espero, em Jesus, seja enfim abençoado...

Que o Senhor nos ampare."

J.P.

Comentário do autor

O texto que transcrevemos na íntegra, foi extraído do livro "Instruções Psicofônicas" (mensagens recebidas de vários Espíritos, no Grupo Meimei, através do médium Chico Xavier, organizadas por Arnaldo Rocha, e publicado pela FEB — 6ª edição/1991), nos foi sugerido pelo Editor. Uma feliz lembrança, que enriquece o romance.

Ao relermos esse "Depoimento" (texto 10, à pág. 53 e seg. do referido livro), concluímos pela sua importância como complemento valioso para o romance que o leitor tem em mãos. Trata-se do depoimento de alguém que viveu os dolorosos e difíceis processos de emancipação dos escravos no Brasil.

Um escravocrata que dá seu testemunho, contando abertamente sobre o que viveu e sentiu após a desencarnação, e as conseqüências de sua equivocada postura com relação aos negros, naquela encarnação.

É um importante esclarecimento adicional sobre circunstâncias históricas que lhe dizem respeito e que tocam também a história do País. Mais que isso, um depoimento que nos leva a refletir sobre as novas formas de escravidão, de servidão econômica, existentes na atualidade.

Será que os personagens ainda são os mesmos — ainda presos a preconceitos e vícios comportamentais trazidos de outros tempos? Será que apenas o cenário mudou, mas os atores permanecem os mesmos, desempenhando os mesmos papéis, adaptados aos novos tempos? Quem sabe...

Sem dúvida, a liberdade humana permanece um problema complexo, e a vida de relação ainda segue um modelo no qual formas alternativas de servidão coexistem com ideais de justiça, liberdade, igualdade e fraternidade. Ideais já não tão novos e que — esperamos sinceramente— não estejam tão distantes de se tomarem realidades.

Introdução

"A liberdade é uma noção (ou um sonho) multiforme".

Pierre Grimal

A guerra e a escravidão são, sem dúvida, as duas instituições mais cruéis já inventadas pelo homem e ambas já com longa duração. A primeira pelo cortejo de miséria, mortes inúteis, destruição e doenças que traz consigo, e a segunda pela capacidade que possui de degradar o homem até ao nível de coisa, tirando-lhe o próprio *status* humano, independentemente de idade, sexo ou etnia.

A escravidão em si, desde as antigas civilizações teocráticas ou militares, tem apenas mudado de forma, pois o ser humano continua preso, limitado, estrangido por forças externas; a maioria produzida por seus próprios semelhantes.

Os prisioneiros de guerra da Antiguidade aceitavam a condição de se tomarem escravos, ou seja, da absoluta perda da liberdade pessoal, em função da sua situação de vencidos. Tornavam-se coisas, bens que eram acrescentados ao patrimônio dos vencedores. Era uma questão tácita.

O correr dos séculos e milênios mudou as formas de se escravizar o homem. Dos grilhões passamos ao controle do homem pela fome — a escassez que produz dependência e, por fim, ao controle das mentes. A liberdade — esse proteu que tanto engendra vida e virtudes, quanto mortes e viciações de todo o tipo, põe-se cada vez mais afastada, mais distante das mãos humanas.

Na atualidade, vemos a perda da liberdade, no seu sentido estrito de restrição do direito de escolha e de livre trânsito, aliada ao controle através da falta do mínimo necessário à sobrevivência, somadas principalmente ao controle das mentes, por meio de sofisticadas técnicas de manipulação comportamental das massas. A mídia tem desempenhado um papel fundamental em todo este processo de alienação, de perda de si mesmo.

Com isso, a *libertas* — ideal antigo que herdamos dos gregos e latinos — vem tomando-se cada vez mais confusa e distante, a ponto de o imperador romano Marco Aurélio concluir, em seu livro *Pensamentos*, que não somos livres nem para viver, vindo ao mundo, nem para morrer ou não morrer; mas somos livres para aceitar a morte. Segundo ele, é nela, — na morte, que se realiza a verdadeira liberdade. Apesar dessa visão pouco otimista, a utopia da liberdade deve ser perseguida, se não como um objetivo alcançável, pelo menos como um ideal, uma motivação para se viver.

O atual estágio evolutivo da humanidade produziu uma nova modalidade de escravidão: a servidão econômica. O ideário burguês, hegemônico nos últimos quatrocentos anos, trazendo consigo como principal motivação para a vida humana a desenfreada corrida atrás do dinheiro, jogou por terra outras formas de se conceber a liberdade.

Hoje, acredita-se ser livre quando se é materialmente rico e dotado de algum poder, seja ele religioso, político, militar ou econômico. A realidade nos mostra o equívoco dessa concepção, pois os ricos estão cercando-se de mecanismos de segurança em função da multiplicação do número de pobres. A má distribuição de renda e outros fatores fazem de todos — ricos e pobres — prisioneiros, escravos do medo ou da revolta.

O Brasil também traz em sua história a mancha da escravização de negros e índios. Dados históricos nos dizem que de 1568, início do tráfico regular de escravos, até 1859, quando começa o processo de extinção da escravatura em nosso país, pelo menos 3.600.000 escravos foram trazidos da África, em sua maioria Bantos (tribos negras do Sul da África, em geral de Angola e Moçambique) e Sudaneses (tribos negras de Daomé, Nigéria e Guiné). Gente que contribuiu com trabalho e seu próprio sangue na construção do Brasil. O continente africano perdeu tantos habitantes para as diversas regiões do mundo que estagnou demograficamente, enquanto os outros países cresciam em termos populacionais.

Boa parte da África ainda permanece com uma situação social e político-econômica problemática, como herança e resultado de um longo período de colonização e exploração de seus recursos

humanos e materiais.

O presente romance traz por temática central a questão da busca da liberdade. O cenário histórico oferece o ambiente material e espiritual necessário para que a reflexão se faça, e para que nosso eventual leitor reflita também sobre qual é sua própria concepção de liberdade.

Na condição de senhor ou escravo, patrão ou empregado, enfim, teremos que ter, antes de qualquer coisa, bem clara em nossa mente, que tipo de liberdade queremos para nós, se a mera liberdade do corpo e dos sentidos, em parte proporcionada pelas riquezas terrenas, ou a liberdade da alma, do Espírito imortal, com todas as suas potencialidades.

PRIMEIRA PARTE UMA NOVA VIDA

1 A jornada para o oeste

"A liberdade, dissemo-lo, é filha da fraternidade e da igualdade. Falamos da liberdade legal e não da liberdade natural, que, de direito, é imprescritível para toda criatura humana, desde o selvagem até o civilizado." (Kardec, Allan — Liberdade, igualdade e fraternidade, *in* Obras Póstumas)

JÁ havia escurecido e Pai José, como era conhecido o velho escravo, observava o céu estrelado através de uma fresta de sua palhoça atrás do curral. Cachimbava calmamente, exalando a fumaça acridoce do tabaco, quando viu um risco vermelho-alaranjado cortando o céu. Perguntou a si mesmo o que seria aquilo.

Seria o que diziam chamar-se estrela-cadente? Achava belíssimos os segredos da Natureza e do Criador e gostava da dúvida e da ignorância sobre tais assuntos. Dizia que isso evitava qualquer atitude arrogante ou pretensiosa do homem perante o resto da criação.

Assim matutava, ruminando pensamentos diversos, quando uma cabeça de homem branco apontou na única entrada baixa da palhoça. Estranhou aquilo devido ao avançado da hora e sentou-se meio desajeitadamente na rede em que estava estendido.

— Com licença Pai José — disse um rapaz com seus vinte e poucos anos num sotaque que efetivamente indicava um estrangeiro, ainda não muito familiarizado com a língua local.

—Pois não, rapaz, pode entrar. Desculpe a pobreza da moradia do preto-velho. — E ajustou um banco tosco no canto para que o moço se arranjasse como pudesse.

— Vim vê-lo apenas por alguns minutos. Cheguei recentemente da Europa e gostaria de conversar com o senhor. Devo hospedar-me aqui na fazenda por umas quatro semanas ou pouco mais, e sei que o senhor tem conhecimentos importantes que gostaria de saber. Gostaria de poder voltar amanhã para falarmos sobre o assunto.

Pai José ainda um tanto perplexo pelo fato



(...) matulava, ruminando pensamentos diversos, quando uma cabeça de homem branco apontou na única entrada baixa da palhoça. Estranhou aquilo devido ao avançado da hora e sentou-se meio desajeitadamente na rede em que estava estendido. (...)

inusitado fez que sim com a cabeça, ao mesmo tempo que dizia não ter nada de especial a contar e que era apenas um negro velho esperando que a morte viesse carregá-lo. Mas o rapaz sorriu e disse que também tinha coisas interessantes a dizer-lhe e que conversariam mais no dia seguinte.

— Virei vê-lo amanhã bem cedo, se não se importa. Já tenho o consentimento do senhor Dias e assim lhe explicarei o que desejo. Boa noite!

Levantou-se do tamborete e saiu sem dizer mais nada, deixando Pai José ainda mais confuso, apesar da boa impressão que o jovem lhe causara. A luz da lamparina não pôde ver com detalhes seu rosto ou sua roupa, ou qualquer outra coisa.

A curiosidade teria de ser satisfeita no dia seguinte, quando o moço voltasse. Seria isso que a estrela-cadente anunciara minutos antes? Convinha tapar o buraco no teto da choça.

Um reencontro

Pai José, em função do peso da idade, ficava com as tarefas leves na fazenda Várzea Grande, de propriedade do senhor Manoel Dias e sua família. Já havia cumprido suas obrigações de cuidar da criação de galinhas, ver se não havia algum animal doente ou ferido, fosse porco, cachorro, cavalo ou vaca, e dera uma ida ao regato próximo para abastecer o pote com água fresca. Voltava, quando ouviu alguém atrás de si. O rapaz caminhava lentamente, retomando como prometido.

Entraram ambos na palhoça e o velho escravo ajustou como pôde o único banco que tinha. O moço parecia não se importar com a simplicidade das coisas do velho. Após cumprimentá-lo com um aperto de mãos — o que não deixou de causar ainda mais estranheza, pois um branco cumprimentar um negro era coisa incomum — o rapaz sentou-se sem muita cerimônia e passou a explicar-se.

— Cheguei da Europa faz quase seis meses e ainda não domino seu idioma, por isso desculpe-me os erros que acabarei cometendo. Mas, se me permite, Pai José, vou resumir o que me traz aqui e, afinal, quem sou. Meu nome é Paul Jourdain, sou francês, historiador e muito interessado nos acontecimentos aqui do Brasil. Após desembarcar no Rio de Janeiro, onde fiquei com alguns conhecidos por três meses para aprender melhor o idioma, rumei para Vila Rica, para fazer meus levantamentos e pesquisas.

— Quando saía de uma das igrejas da cidade — continuou o moço — esbarrei numa senhora, idosa e muito simpática, com uns sessenta e cinco anos eu diria.

Pedi desculpas pelo pequeno acidente e caminhamos um pouco lado a lado, conversando amenidades. Percebeu que eu era estrangeiro, perguntou-me de onde e o que pretendia na Província das Gerais e na Vila. Prestei as informações solicitadas e acabei sendo convidado para almoçar em sua casa.

Pai José o interrompeu interessado. Havia muito tempo não tinha notícias de Vila Rica onde vivera quando jovem e... tinha um certo pressentimento.

— Como era essa pessoa, rapaz? Não sei pronunciar seu nome, me deixe chamá-lo assim.

— Essa senhora me disse chamar-se Ana e que nascera e sempre vivera em Vila Rica. Falou um pouco de sua infância e juventude. Comentou seus ideais, falou da mãe e do pai que se envolvera na conspiração de 1789, falou de si e de um escravo que libertara após o casamento com um tenente italiano, Sandrini era o nome, se não me falha a memória. Comentou que José, o alforriado, era, para ela, o símbolo da luta pela Uberdade e que esperava ainda vê-lo um dia, fosse na Terra ou no Céu.

A essas alturas Pai José já não tinha dúvidas de quem se tratava e lágrimas lhe vinham aos olhos, deixando o moço visitante sem entender o que acontecia. Ela ainda vivia. Sua antiga dona e que, na verdade fora uma amiga. Que os deuses fossem louvados.

Ana vivia e ele tinha diante de si alguém que estivera com ela havia pouco tempo. Firmou os olhos no rapaz e pediu-lhe que continuasse.

— Sinhá Ana me falou muito de José, seu ex-escravo. Deu-me uma descrição dele e quando, enfim, vim para cá e me falaram do senhor, de seu passado, supus que fosse o mesmo José, liberto de Sinhá Ana. Estou correto pela reação que vejo no senhor...

— De fato rapaz, eu sou o José da sinhá Ana. Ela foi mais que amiga. Quando éramos jovens me ensinou a ler e escrever. Lutamos pelos mesmos ideais, embora de formas diferentes. Ela sempre foi muito boa para com os de minha raça. É bom saber que ela ainda vive.

— Pois bem, Pai José, eu gostaria de conhecer sua história, como lutou e talvez ainda lute pela libertação dos negros e índios. Conte-me o que puder, o que lembrar. Fique tranqüilo que os tempos são outros. Já estamos em 1849, e na Europa a escravidão está sendo extinta em quase todos os países, e sei que a família Dias aqui lhe dá inteira proteção, desde que salvou a vida do senhor Manoel Dias, por ocasião de uma febre que quase o matou. Meu interesse é histórico, e pretendo através de meus livros, ajudar a pôr fim a esse bárbaro costume de se usar gente como animais. Pretendo escrever em português e francês.

O velho observou o rapaz atentamente. Um branco europeu estava preocupado com a escravidão no Brasil. E, os tempos eram realmente outros. Mas, em terras brasileiras as coisas não seriam tão fáceis.

O apego à terra, a presença de interesses dos mais diversos, os coronéis do sertão, os costumes e até a religião; tudo contribuía para que aqui as coisas fossem mais difíceis.

Éy - Como ela está, rapaz? Ainda se lembra de mim, de nossos ideais, está com boa saúde, lembra de tudo?

— Sim, senhor, ela se lembra de cada momento de sua infância e juventude. Contou-me muito sobre a conspiração, sobre sua mãe, Mariana, e seu pai, que participou da rebelião, o senhor Mário, e o que se seguiu depois. Quanto à saúde, não está muito boa. Coisas da idade, segundo ela mesma disse. Qual a sua idade, Pai José?

— Não sei direito, mais de setenta, é certo.

— E então?—Perguntou Jourdain. Posso contar com sua história para meus livros?

Pai José tinha o pensamento em outros tempos e lugares e não ouviu direito a pergunta do jovem francês mas, voltando a si da surpresa causada por tudo aquilo, disse-lhe que contaria tudo que lhe interessasse, e que responderia a todas as suas perguntas.

Ainda conversaram muito a respeito de Ana e de Vila Rica. Pai José informou-se sobre acontecimentos recentes no velho continente, e como andavam as coisas na Corte.

Perguntou se por lá, como aqui, ainda maltratavam os negros e os índios como antes, se ainda havia

mercado de escravos no Rio de Janeiro. O rapaz, com o semblante triste, disse que quase nada mudara. Os maus-tratos e a crueldade ainda eram praticamente os mesmos. Pai José chorou. Nem todos os anos de sofrimento, lutas, fugas e calejamento da alma foram capazes de fazê-lo perder o temperamento temo e afetuoso, e as lembranças eram muitas.

Jourdain levantou-se respeitosamente e pediu-lhe para voltar no dia seguinte, à mesma hora, para conversarem mais. O velho fez que sim com a cabeça e ficou na palhoça com seus pensamentos e recordações. Lá fora, o mugido das vacas e o berreiro dos peões quebravam o silêncio do lugar.

A entrevista contínua

O jovem Jourdain encontrou Pai José estendido na rede, e o banco tosco no mesmo lugar à sua espera. Cachimbava calmamente soprando a fumaça para cima enquanto esfregava uma perna que parecia ter algum problema. O rapaz sentou-se e foi direto ao assunto:

— Podemos começar, Pai José?

— Veja a fumaça, rapaz, tente apanhá-la. Vamos, experimente.

O rapaz estendeu a mão e tentou segurar a nuvem que o preto-velho soprava em sua direção, evidentemente não conseguindo. Apenas atendeu ao apelo do velho.

— Pois é assim a liberdade, meu rapaz. Você a vê, tenta apanhá-la e não pode, mesmo que esteja ao alcance de suas mãos. Foi com um sonho desses que eu e mais uns cem negros — mulheres, homens e até crianças — fugimos de Vila Rica no começo do século. Sinhá Ana me ajudou favorecendo os arranjos para a fuga. Fomos perseguidos, como esperávamos, por uma tropa, que vencemos numa batalha rápida, a poucas léguas de Vila Rica. Nossa primeira vitória nos deu o gosto pela liberdade e naquela noite eu retomei meu nome de origem, Uamba.

— Me tomei líder do grupo — continuou o velho escravo — e partimos em direção ao Sol poente, onde acreditávamos poder fundar uma aldeia e viver segundo nossos costumes. Eu pretendia ainda facilitar a fuga de outros negros e índios, onde e como fosse possível, mesmo que me custasse a vida. Os outros também estavam dispostos a tudo pela liberdade.

Fumando seu cachimbo Pai José foi se distanciando



(...) O rapaz estendeu a mão e tentou segurar a nuvem que o prelo-
velho soprava em sua direção, evidentemente não conseguindo. (...)

no tempo, trazendo lembranças de décadas passadas. Não temia falar sobre isso a essas alturas dos acontecimentos. A maioria dos companheiros já havia morrido. Uns poucos sobreviventes, como ele próprio, estavam dispersos pelo sertão e ali, na fazenda dos Dias, ele não tinha o que temer.

Além disso, a idade e as doenças já o punham fora do alcance e do interesse de quem quer que fosse.

— Andávamos o máximo por dia. Sem muito alimento e outros recursos, nos virávamos como podíamos. O que carregamos após o combate foi muito útil. Armas, roupas e utensílios, facas, facões e machadinhas, alguma farinha de mandioca, carne-seca e rapadura. Tudo foi usado na longa caminhada. A nossa frente pus um grupo de cinco batedores que verificavam o caminho, caçavam o que podiam e marcavam a picada aberta. Eram liderados por um negro forte e apto para a tarefa — um grande amigo, 'Mbele. Forte e carregado de ódio contra os brancos. Fiz dele meu lugar-tenente, como vocês dizem. Caminhamos uns vinte e cinco dias sem encontrar problemas, só os ferimentos causados pela marcha forçada e as dificuldades da mata.

— Quase um mês caminhando pelo mato sem ver ninguém, até que recebemos notícias do grupo que ia à frente sobre um capitão-do-mato, mais três ajudantes, sendo um mameluco — o mestiço que mais sofre, meu rapaz, pois nem é branco nem é índio. Eles conduziam três cativos acorrentados, acampados légua e meia adiante. Sem dúvida, eram negros fugidos de alguma fazenda da região e que não conseguiram escapar para muito longe. Os cães enormes, dois, controlados por cordas, eram bem treinados no rastreamento dos fugitivos, e os captos afeitos à tarefa de recuperar fujões. Os presos eram jovens, um deles adolescente ainda, e muito sofrimento os aguardava.

— O tronco, açoites e marca de ferro em brasa, no mínimo. Decidi libertá-los. Escolhi dez homens fortes e com a experiência do combate anterior nos armamos e decidi atacar o grupo após o pôr-do-sol. Levamos carne fresca para atrair os cachorros. Saiu tudo conforme planejado. Os cães, atraídos pelo cheiro da carne, foram mortos com flechas e o ataque ao acampamento, rápido demais para permitir qualquer reação, resultou na morte dos quatro homens e na libertação dos negros.

— Perguntei a eles se queriam se juntar a nós ou tentar a sorte sozinhos. Ficaram conosco. O adolescente, o jovem Pedro, precisava de cuidados, pois estava muito enfraquecido pelos maus-tratos e já trazia as marcas da chibata pelo corpo. Mandeí enterrar os corpos para evitar

sinais de nossa presença. Recolhemos o que nos pareceu útil, inclusive roupas para os recém-libertados que se encontravam seminus, e o resto foi para a cova junto com os cadáveres.

— Use no Inferno! — berrou 'Mbele ao jogar as correntes na cova do capitão-do-mato, junto ao corpo. Até os cães foram enterrados. Não queríamos deixar indícios de nossa presença na região. Quando dessem pela falta daqueles homens pensariam que foram vítimas dos índios, dos próprios fugitivos ou de algum ato de banditismo, coisa comum naquelas bandas de Minas. Nós já estaríamos longe então. E foi assim nosso primeiro mês e meio de fuga pelos sertões das Gerais.

— Vida difícil, hem Pai José? Anotei muita coisa. Amanhã eu volto para continuarmos. Amanhã teremos mais tempo para falar sobre tudo isso.

—Vejo que o rapaz já está falando bem melhor nosso idioma. Por aqui ainda se usa muito um modo de falar criado pelos padres há muito tempo, a partir de língua de índios. É proibido, mas o moço vai ver. Chamam de *nhengatu*.

— Já me falaram a respeito. Mas, venho treinando muito seu idioma e espero ser mais fluente em breve. Até amanhã!

2 A aldeia Anzai

"A solidariedade, portanto, que é o verdadeiro laço social, não o é apenas para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que as mesmas individualidades se reuniram, reúnem e reunirão, para subir juntas a escala do progresso, auxiliando-se mutuamente." (Kardec, Allan — Questões e problemas, in Obras Póstumas)

O SOL mal despontara no horizonte e Pai José já cachimbava, como de hábito, aguardando a hora de percorrer os galinheiros, os currais e a pocilga. Raras vezes encontrava algum animal morto ou doente, pois o patrão, o senhor Dias, preferia um manejo preventivo, dando alimentos apropriados e a medicação disponível.

Pai José era muito importante neste manejo. Aprendera muito em sua longa convivência com os índios. Conhecia bem as propriedades medicinais das plantas do cerrado. Preparava "garrafadas" — um composto fitoterápico à base de várias plantas e raízes curtidas em vinho tinto — tanto para a família do patrão, quanto para os escravos e empregados. Com isso, as doenças eram raras, com exceção da malária, que sempre andava pegando alguém.

O velho ex-escravo deixava o pensamento divagar enquanto aguardava a hora do trabalho. Lembrava a infância e a juventude em Vila Rica, sirihá Ana, que nunca esquecera, a fuga atrás dos sonhos de liberdade e via o tempo mudar as mentes, lentamente, arrastadamente. Soubera que cresciam os movimentos pela extinção da escravidão no Brasil e em outras partes do mundo, mas não acreditava que tivessem sucesso.

Já vivera muito para conhecer o coração humano, e se alguém pensava em pôr fim à escravidão, era porque algo mais lucrativo estava por trás disso. Os poderosos de todo e qualquer tempo ou lugar jamais abririam mão do que achavam ser direitos e privilégios concedidos pela graça de Deus. Dariam um jeito de mudar as coisas, mas o povo continuaria sufocado.

A amizade se consolida

Quando retomava do regato onde se abastecia de água, viu o jovem francês se aproximando com sua caderneta de anotações. Sorriam um para o outro. Pai José sentia surgir uma estranha afeição por aquele rapaz; talvez por ele ser um elo vivo entre duas partes de sua vida e, principalmente, uma ligação com sinhá Ana.

— Bom dia, Pai José! — exclamou o rapaz.

— Bom dia. Veio ouvir mais histórias do preto-velho?

— Com muito gosto. Hoje gostaria de saber como foi a construção de sua aldeia, do quilombo,

como é chamado aqui esse tipo de acampamento, não é assim?

—Quilombos; havia muitos por aqui. Vez por outra os coronéis do sertão promoviam campanhas de destruição desses quilombos às suas custas, outras vezes o governo imperial participava com tropas. A jagunçada gostava, pois tinham muitos ganhos com isso. O apresamento de negros e índios já era lucro, mais algum dinheiro... Do lado dos fugitivos, desespero, lutas desiguais, mortes e, na maioria dos casos, a volta à escravidão em condições piores que antes. Eram mandados para os serviços mais pesados, os canaviais, minas... Ainda existem muitos quilombos espalhados por aí, mas estão sendo destruídos aos poucos.

— O armamento dos brancos, hoje, não é o mesmo que antes—continuou o velho. Armas de fogo e canhões contra arcos, flechas, facões, foices, lanças, armadilhas já conhecidas... Só ganhávamos no corpo a corpo com a capoeira—disse rindo.—Vi muita gente morrer ao longo de minha vida, rapaz.

Entraram no casebre de Pai José, que colocou o pote com água no lugar de sempre. Reavivou o fogo do pequeno fogão que tinha no chão batido e estendeu-se na rede, acendendo o cachimbo. Paul Jourdain se acomodou no tamborete e observava atentamente o velho em sua simplicidade. Observou que tinha uma estatura mediana, compleição física não muito forte, mas resistente, e uns olhos muito brilhantes, cercados pelos cabelos e barba já muito grisalhos.

A construção da aldeia

— Nossa aldeia foi iniciada após muitos dias de marcha. Queríamos nos distanciar o máximo possível de regiões habitadas por brancos — principalmente de fazendeiros. Não foi fácil escolher um lugar. Antes, ficamos dois dias acampados perto de um rio, recuperando as forças. Muitos estavam esgotados e feridos pela caminhada em região pedregosa. Dormimos embaixo de abrigos improvisados, caçamos e pescamos, tratamos de nossas feridas; à noite conversávamos com nossos deuses e antepassados.

Tudo isso ajudou a retemperar as forças. Pai Natanael assumiu as funções de sacerdote junto com algumas pessoas, homens e mulheres, capazes de conversar com os mortos, enquanto 'Mbele circulava pela região com seu grupo, cuidando da caça, do reconhecimento do local e da nossa segurança.

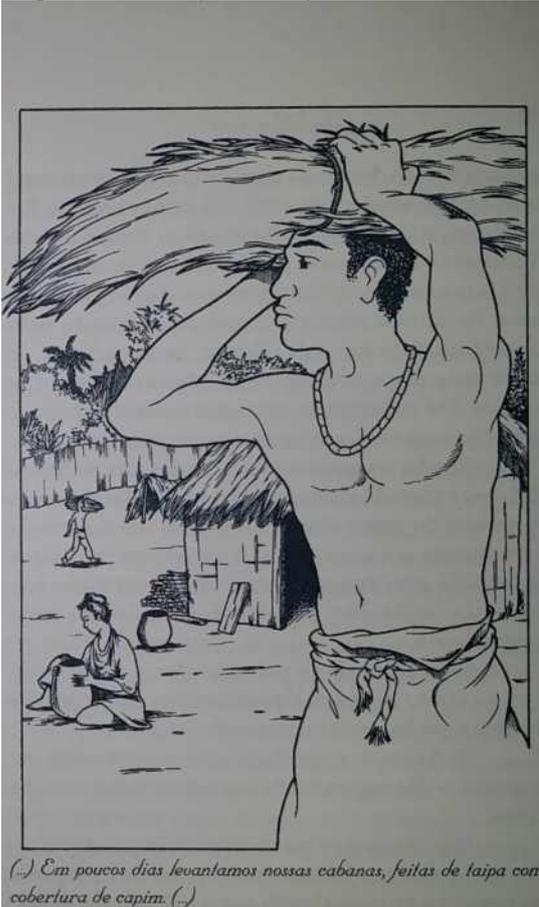
Ainda caminhamos uma semana após o descanso, em direção mais a noroeste. Finalmente, encontramos um local que nos pareceu apropriado para construirmos nossa aldeia, por uma estação apenas. Pretendíamos, após a colheita, seguir mais além, em direção a Goiás, nos afastando cada vez mais de regiões habitadas ou em disputa pelos fazendeiros.

A região escolhida era alta, protegida por matagais, e havia um rio com apenas uns dez metros de largura, embora bastante profundo. Árvores altas nos dariam postos de vigia adequados e não havia sinais de homens, fossem garimpeiros ou aventureiros.

Ao longo do rio havia muito bambu para nossas construções, capim para o teto das palhoças e, na várzea, do lado direito do rio, um local para a roça. 'Mbele e eu, acompanhados de outros oito homens, fizemos um reconhecimento de légua e meia em torno do lugar. Nada encontramos que pudesse trazer algum perigo iminente. Encontramos uma picada. Não sabíamos se era aquela chamada Picada de Goiás, que partia de São João D'el Rey, mas resolvemos deixar isso de lado e explorá-la depois.

Em poucos dias levantamos nossas cabanas, feitas de taipa com cobertura de capim. Uma paliçada de três metros de altura cercava o perímetro da aldeia, como medida de segurança, feita de bambus amarrados com cipós. Deixamos vários pontos de fuga, para o caso de necessidade. Éramos livres, nos sentíamos livres, apesar de ainda prisioneiros do medo de sermos cercados por tropas de jagunços ou gente do governo imperial. Mas, nossos vigias não traziam más notícias e nos dividimos em grupos para caça, pesca, plantio de nossas poucas sementes de milho e feijão, construção da aldeia e vigilância, tendo 'Mbele na liderança.

Via minha gente feliz, apesar de tudo. Estávamos realizando nosso sonho, embora já estivesse acertado que a aldeia definitiva seria construída mais distante dali. Mas, a idéia de passar alguns meses plantando, colhendo e vivendo nossa vida, segundo nossos costumes, já nos preenchia a existência. Naquele lugar nada nos faltava, até um olho d'água nascia dentro da aldeia, nos garantindo um fornecimento permanente de água pura. Algumas semanas depois, resolvemos fazer uma



(...) Em poucos dias levantamos nossas cabanas, feitas de taipa com cobertura de capim. (...)

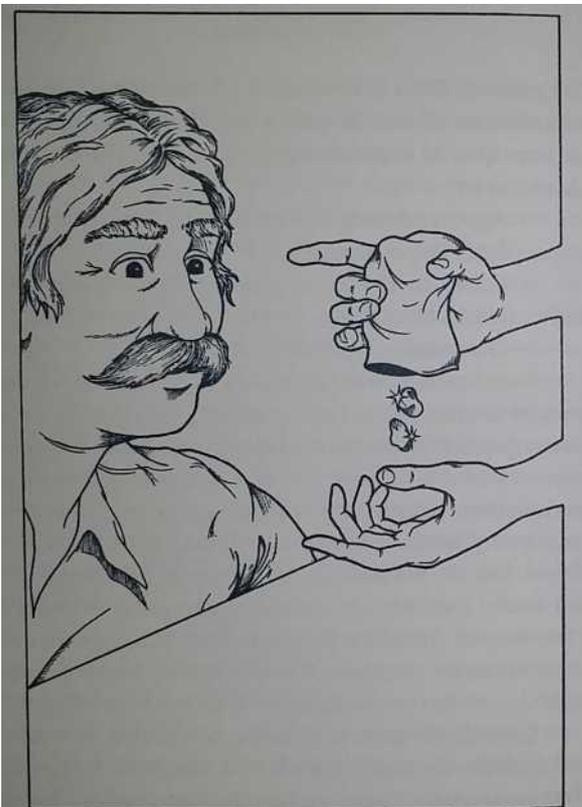
exploração mais demorada na região. Deixamos os vigias com recomendações especiais sob a liderança de Pai Natanael, e partimos, 'Mbele, cinco homens e eu. Voltaríamos o mais breve possível, depois de verificar a picada que tínhamos visto há tempos. Ao chegarmos ao local decidimos seguir à esquerda, descendo pelo caminho aberto na mata. Depois de duas horas de caminhada vimos tuna espécie de sobrado à margem da estrada. Era um sobrado, com um armazém embaixo e residência em cima, conforme o costume dos brancos.

—Resolvi me aproximar com um dos companheiros. Deixei-o à porta do armazém, em contato a distância com o restante do grupo. Entrei e encontrei um homem de uns sessenta anos, sua esposa e um escravo jovem que puxava de uma perna. Ele me olhou como quem não estranha nada por aquelas bandas, e foi logo perguntando:

- O que você quer e para quem?
- Quero comprar algumas coisas e é para mim mesmo e minha gente — respondi.
- Se é caso de negro fugido ou quilombo não me interessa. —Ele respondeu de forma grosseira, mascando fumo.
- Sou alforriado e posso pagar pelo que quero.
- Tirei de uma bolsa de couro que ainda trago presa ao pescoço a carta de alforria que sinhá Ana me dera e lhe mostrei. Ele a leu e mudou o tratamento. Sacudi o saquinho na concha da mão e dali caíram duas pepitas de ouro que, de imediato, aguçaram o interesse do dono do armazém.
- Agora podemos conversar. Você é livre e tem com o que pagar. O que quer, afinal?
- Foices, machados, enxadas, sementes de milho e feijão, farinha de mandioca e sal, e sem perguntas.
- Que seja. — Respondeu o homem.

Regateamos demoradamente até chegarmos a um acordo. O ouro que eu tinha era bom e ele sabia. Chamei os companheiros que me ajudaram a amarrar as compras e reiniciamos a marcha de volta a aldeia, sob o olhar curioso do casal e, principalmente, do jovem escravo que os servia. Chamava-se Samuel, dissera ao homem que deixei fora do armazém, e disse que aquele lugar não era muito freqüentado. Somente tropeiros, eventuais viajantes em direção a Goiás, garimpeiros e gente das duas fazendas vizinhas, mais abaixo, ao longo do rio, quando precisavam de alguma coisa que não produziam.

Quando chegamos a aldeia, carregados de coisas necessárias ao nosso trabalho, a surpresa foi geral. Perguntaram-me como conseguira tudo aquilo. Contei que paguei com o ouro que me fôra dado pela antiga patroa. Os instrumentos de trabalho foram preparados e distribuídos e o serviço de trato da terra continuou. Na



(...) Sacudi o saquinho na concha da mão e dali caíram duas pepitas de ouro que, de imediato, aguçaram o interesse do dono do armazém.

manhã seguinte, um grupo de caça saiu para conseguir mais carne.

Precisávamos de carne seca e outras coisas para o caso de uma fuga rápida. Descobrimos um bebedouro de animais, rio acima, e nos colocamos nos arredores, observando atentamente e em absoluto silêncio. A sorte nos favoreceu e pouco antes do anoitecer surgiu um bando de caititus, porcos do mato, de carne muito boa. O vento soprava em nossos rostos, por isso os animais não nos perceberam, embora o macho líder ficasse cheirando o ar todo o tempo. As flechas zumbiram no ar e apesar da algazarra da fuga pelo mato, vários animais foram abatidos, inclusive uma fêmea com seis filhotes que ficaram por perto.

Nós os capturamos vivos. Seriam criados na aldeia para serem abatidos quando necessário. Amarramos os caititus pelas patas e os levamos atravessados em varas, ombro a ombro. Os filhotes foram metidos num saco. Houve muito riso na correria atrás dos filhotes!

E assim, meu amigo francês, começamos nossa nova vida por aquelas bandas. A noite conversamos com nossos deuses e mortos. Um deles, que falava através de Pai Natanael, me chamou e conversamos longamente. Perguntei sobre a aldeia e sobre o nome que deveríamos lhe dar. O espírito respondeu que eu nascera perto de um rio, na África, chamado Anzai. Silenciou e voltou a fumar cachimbo. Levantei-me e chamei a atenção de todos para o que tinha a dizer:

— Nossa aldeia, meus irmãos, se chamará Anzai, a partir de hoje. Que esse nome seja abençoado pelos nossos deuses, e que nos traga felicidade.

— Os ritos continuaram, marcados pelo bater de palmas, paus, chocalhos e troncos ocos. Os jovens aprendiam os costumes de nossa terra mãe, outros treinavam ou ensinavam a capoeira àqueles que não sabiam. Era uma forma de defesa que infernizava a vida dos brancos na luta corpo a corpo.

3 Plantio e colheita

"Sem a vida futura, a moral não passa de mero constrangimento, de um código convencional, arbitrariamente imposto; nenhuma raiz teria ela no coração. Uma sociedade fundada em tal crença só teria por elo, a prender-lhe os membros, a força e bem depressa cairia em dissolução."

(Kardec, Allan — *A vida futura*, in *Obras Póstumas*)

A FAZENDA Várzea Grande, de propriedade da família Dias, vivia da produção e comercialização de carne-seca — charque, como era chamada pelos locais. Vez por outra, os carroções partiam em direção a Pitanguí, cidade um tanto distante da fazenda, mas que servia de entreposto comercial para o produto.

De lá voltavam carregados com gêneros que a fazenda não produzia e necessitava, além de coisas para o armazém do casal Menezes, à beira da picada usada pelos tropeiros.

Era resultado de um acordo entre o senhor Dias e o comerciante, de modo a aproveitar melhor a viagem e reduzir os custos com vantagens para ambos. Assim, tanto a fazenda quanto o armazém, além dos moradores da região, ganhavam em qualidade e variedade dos produtos. Quase nunca faltava o que era de uso mais necessário e habitual, como ferramentas, sal, tecidos e sementes para o plantio.

A fazenda era bastante grande e fazia divisa com um outro fazendeiro de origem portuguesa, de nome Almeida. A família Almeida era escravocrata convicta e, por isso mesmo, extremamente severa no trato com os serviçais e escravos. Não eram raras as fugas e suicídios, e mesmo os mestiços, libertos e brancos, que trabalhavam para eles, passavam maus pedaços. Todos eram punidos severamente por qualquer coisa.

O senhor Dias já fora assim também. Depois da doença que quase o matou, e que fora tratada pelo Pai José, mudara muito. Era homem religioso e repensou a própria conduta. Seu caráter abrandou bastante. Deu ordens para que se humanizasse um pouco o trato com os subalternos. O tronco odioso foi retirado e as punições físicas reduzidas.

A família aprovou a mudança de conduta do coronel do sertão, pois tanto a esposa quanto os filhos

também se beneficiaram com esse novo proceder. Dona Isabel, a esposa, e as filhas Lucinda, com dezessete anos, Maria Clara, com quatorze, e o caçula, Pedro Dias, com sete, sofriam menos do que se o patriarca seguisse à risca os costumes severos da época.

Até o capataz da fazenda, o Antônio, homem bronco, mas de coração um tanto mais mole do que a função às vezes exigia, sentiu-se aliviado ao ver que não precisava usar tanto o látigo quanto antes. Todos, enfim, eram gratos por essa mudança que atribuíam ao Pai José, que velara o doente por muito tempo e pudera conversar com ele sobre muita coisa que branco algum sabia sobre negros e índios.

Mais detalhes

O jovem francês chegou mais cedo que o de costume na manhã seguinte. Pai José ainda não tinha encerrado suas tarefas quando o viu entrar em sua palhoça e sentar-se no lugar habitual. Apressou-se e foi ver o rapaz que o aguardava escrevendo alguma coisa no seu bloco de notas.

— Bom dia, meu jovem.

— Bom dia, Pai José. Desculpe a pressa. Vim mais cedo para fazer algumas anotações extras e conversarmos mais.

— Não há problema, Jourdain. Vê? Quase já sei pronunciar direito seu nome.

Pai José ajeitou-se na rede e passou a preparar o cachimbo. Cortou o fumo de rolo em pedacinhos miúdos, triturou-os com a ponta calejada dos dedos e o colocou no lugar apropriado, apertando um pouco. Um graveto aceso, apanhado no pequeno fogão, foi suficiente para acender o cachimbo, e assim soltou gostosamente as primeiras baforadas. Enquanto isso, observara o rapaz mais detidamente.

Nem alto e nem baixo, um tanto franzino. Tinha um bigode que lhe dava um ar professoral. Os cabelos meio encaracolados eram da cor dos olhos, de um tom castanho claro. Formava uma figura simples e simpática. Era brando de temperamento, culto e extremamente modesto. O velho negro gostava do rapaz.

Paul Jourdain sabia-se observado e compreendia o porquê da curiosidade. Afinal, não era comum um branco, ainda mais estrangeiro, sentar-se durante horas para conversar com um ex-escravo, fosse negro ou índio.

Perguntou ao velho negro:

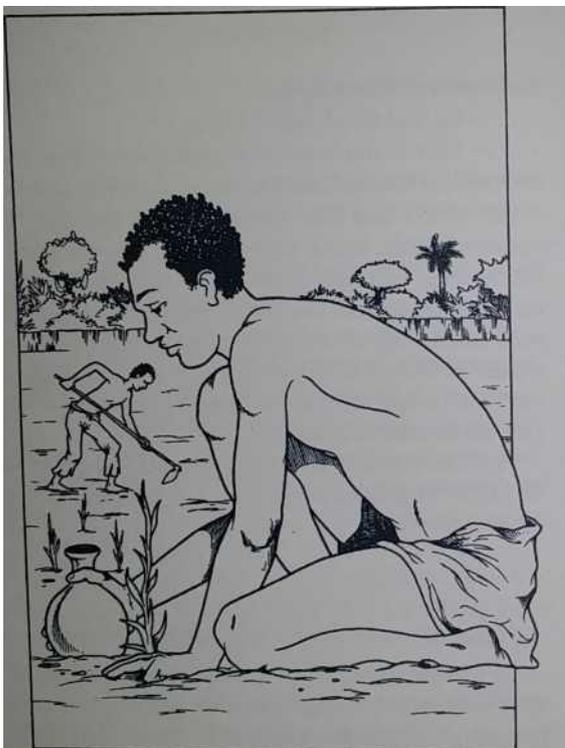
— Pai José teve família? Filhos?

— Não exatamente — respondeu o velho. Tive convivência com uma mulher de nossa aldeia, Makeba, e com ela tive uma filha que teve um nome cristão por insistência dela. Luzia, nossa filha, viveu três anos e morreu de malária. Mais tarde, também minha companheira morreu de doença numa de nossas longas caminhadas, fugindo da perseguição dos brancos. Eu era o chefe da aldeia e não podia me ligar a ninguém. Podia morrer a qualquer hora numa daquelas escaramuças que aconteciam com frequência.

— Compreendo. Mas como foi a vida no quilombo de Anzai? Depois de construída, a aldeia trouxe o que vocês esperavam?

Uma nova vida e novas esperanças

— Nossa intenção era de ficar apenas o tempo de uma colheita. Na estação seguinte seguiríamos para noroeste, atravessando o Rio São Francisco onde desse, em busca de locais mais seguros e com menos presença de brancos. Não foi fácil nos primeiros tempos. Apesar das ferramentas, deu muito trabalho preparar a roça. Mas conseguimos e, afinal, pudemos ver os primeiros brotos



(-) Apesar das ferramentas, deu muito trabalho preparar a roça. Mas conseguimos e, afinal, podemos ver os primeiros brotos de feijão e milho aparecerem. (-)

de feijão e milho aparecerem. Queríamos também batatas, mandioca e bananas, mas ir atrás disso nos exporia demais.

— Certa vez resolvi voltar ao armazém para comprar mais algumas coisas que precisávamos. Peguei duas pistolas para oferecer ao vendeiro em troca do que queria. Estávamos chegando à trilha que conduzia ao armazém quando demos de frente com um tropeiro e seu ajudante. Éramos cinco ao todo. Ele achou que estava sendo atacado e sacou de uma pistola disparando contra nós. 'Mbele foi atingido na altura do ombro. A bala varou de lado a lado. Não tivemos outro jeito a não ser reagir e disparamos nossas flechas. Os dois morreram, apesar de tentarem fugir.

— Pegamos as duas mulas carregadas de quinquilharias e produtos que o homem mercadejava aqui e ali. Os corpos foram despídos e jogados no rio próximo. As piranhas e os jacarés dariam fim aos cadáveres, e seria como se não tivessem existido. Fiz um curativo em 'Mbele, enquanto os outros apagavam as manchas de sangue no chão, jogando terra por cima. Voltamos para a aldeia onde Pai Natanael, com a ajuda da negra Genoveva, tratou do ferido. Não era grave, e as beberagens do nosso curandeiro afastariam o perigo de infecção, curando o meu melhor guerreiro e amigo em pouco tempo.

— Demos uma olhada na carga das mulas que, por si só, representavam um ganho enorme para a aldeia. Havia uma infinidade de pequenos objetos, todos úteis para nós de uma forma ou de outra, desde espelhos até pentes e velas. Facas, pequenos cadeados, algum tecido fino, utensílios para preparação de alimentos, e muitas coisas mais que foram distribuídas igualmente entre todos. Tínhamos uma vida comunitária feliz, onde a propriedade exclusiva não existia.

— Apesar do acontecido, alguns dias depois fui ao armazém e propus a troca com o dono. Ele estranhou que eu tivesse duas pistolas de qualidade tão boa, mas não fez perguntas. Eram muito valiosas por aquelas regiões. Quase tanto quanto o ouro que trouxera em outra ocasião. Troquei pelo que precisava: mais sal, sementes, farinha de mandioca, ferramentas, tecido grosso, pederneiras, e não me lembro do que mais.

— Numa outra ocasião, 'Mbele, eu, e mais oito dos nossos melhores homens resolvemos fazer uma incursão até a fazenda próxima, para ver o que tinha e conseguir algumas ramas de mandioca para plantio e brotos de bananeiras. Caminhamos com todo o cuidado pela região para evitar deixar pistas, e quando chegamos à fazenda tomamos o cuidado de não atrair a atenção dos cães de guarda. Pai Natanael nos dera um pó quase sem cheiro ou gosto, e que deveríamos pôr em pedaços pequenos de carne, atirando-os aos cachorros.

— Os animais ficariam abobalhados por umas duas horas. Tempo suficiente para pegarmos o que precisávamos. Deu tudo certo. Conseguimos as ramas, mas não os brotos de bananeiras. Por outro lado, levamos abóboras. As sementes seriam plantadas e em pouco tempo teríamos um alimento muito apreciado pela minha gente.

— Ficamos alguns meses a mais naquele lugar, sem que nada de grave nos acontecesse. A não ser a desconfiança existente entre o dono do armazém e nós, as coisas seguiam seu caminho. Nossa plantação daria uma boa quantidade de alimentos para transportarmos para a nova aldeia, fosse onde fosse. As duas mulas estavam sendo muito úteis no transporte da carga. O escravo do vendeiro nos mantinha informados sobre os acontecimentos.

— A intervalos regulares 'Mbele mandava um dos nossos buscar as notícias que nosso aliado tinha para nos dar. Assim, sabíamos dos acontecimentos da região.

— Foi um período feliz em nossas vidas, meu amigo Jourdain. Vi minha gente plantando, caçando, pescando, fazendo utensílios com a argila que encontramos rio abaixo. Fizemos um forno para o cozimento dos potes, panelas, canecas, tigelas e utensílios diversos. Assim ficava resolvido nosso problema de armazenagem de grãos e da paçoca, uma mistura de farinha de mandioca, sal e came-seca socados no pilão, para viagem, e que fazíamos para qualquer eventualidade.

Olhando para um ponto qualquer no teto, Pai José comentou:

—Naquele ano as chuvas foram abundantes, e ainda bem que tínhamos abrigos, alimentos, saúde e... nossa liberdade.

4 chegada dos indígenas

"O princípio inteligente independe da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido." (Kardec, Allan — *As cinco alternativas da humanidade*, in *Obras Póstumas*)

NAQUELA noite Pai José dormiu pesadamente. Deitara-se mais cedo movido por não sabia que razão. Cachimbou um pouco, como de hábito, e ajeitou-se na rede, depois de apagar o fumo. Semi desligado do corpo carnal devido ao afrouxamento causado pelo sono, viu aproximar-se dele dois Espíritos conhecidos: Pai Natanael, o velho curandeiro de Anzai, e Antônio, um ex-escravo ligado a ele de longa data. Era na verdade seu anjo-da-guarda, como se costumava dizer dos Espíritos protetores.

— Como vai, meu velho amigo? - perguntou Pai Natanael.

— Vou indo. A velhice tem suas vantagens e desvantagens.

— Não se preocupe. Seu tempo na Terra já está caminhando para o fim, mas lhe resta uma última tarefa: encaminhe e ajude o jovem estrangeiro que o procura. Ajude-o a compreender a vida.

Antônio interveio nesse momento, reavivando a memória do amigo, procurando mostrar-lhe que estavam acompanhando seu dia-a-dia nesse fim de existência terrena, da qual sairia vitorioso.

— Estou acompanhando seus passos desde que deixou Vila Rica, José. Mesmo depois que tomou-se Uamba, o líder de Anzai, continuo com você, inspirando seus pensamentos e ações. Você correspondeu ao esperado e cumpriu bem sua missão terrena, aprendendo e ensinando muito. Nós o aguardaremos com carinho aqui, na verdadeira vida.

Ainda ficaram mais alguns instantes com o velho escravo e depois se afastaram, deixando Pai José em repouso. Naquela manhã ele despertou estranhamente feliz. Lembrava-se do contato com os amigos durante o sono do corpo, embora alguns detalhes naturalmente se perdessem por influência da matéria. Pai José aguardava o jovem Jourdain com redobrada alegria.

Novas afeições

Um pouco mais tarde, cumpridas as tarefas que lhe cabiam, chegou o jovem estrangeiro para continuarem a conversa. O velho escravo notou algo de diferente no rapaz e lhe perguntou sem maiores rodeios:

— O que houve, rapaz? Parece um tanto triste?

— Estou mais preocupado que triste, Pai José. Queria mesmo lhe pedir um conselho. Trata-se de assunto íntimo. Tenho conversado com a sinhazinha Lucinda, filha mais velha do senhor Dias, e devo reconhecer que me sinto muito afeiçoado a ela. Corresponde muito ao meu ideal de mulher. É simples, leal, sem grandes ambições e também defende o fim da escravidão, como eu.

— Conversamos abertamente e lhe falei de meus sentimentos. Me confessou corresponder ao meu amor por ela, embora tenha medo da oposição de seus pais.

Não sei se falo com o senhor Dias sobre o assunto, ou se me vou da fazenda para evitar problemas para mim e, principalmente, para a mulher que amo.

— Deixar a fazenda sem ao menos tentar uma conversa com o pai da moça seria uma bobagem de sua parte, se me permite a franqueza. O pai da sinhazinha mudou muito. Já não é aquele tirano de outros tempos, e ele bem que pode ver com bons olhos seu interesse por sua filha. O patrão já não se interessa tanto por um casamento arranjado por conveniência, e certamente prefere ver sua filha feliz. Converse com ele.

— Está bem, Pai José. Falarei com ele num momento que julgar favorável. Enquanto isso, me fale mais de Anzai.

A rotina na aldeia

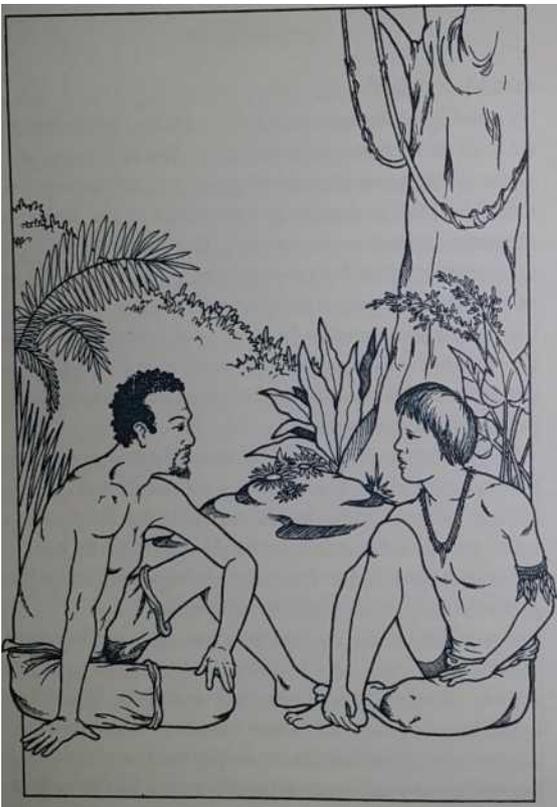
— Vivíamos nossas vidas em Anzai com os recursos que conseguíamos até então. Nossos planos seguiam, e a colheita prometia. Era uma época de muita chuva, dezembro, se a memória não me falha. Um aguaceiro e tanto! Não tínhamos mais problemas de alimentação, os vigias não traziam más notícias, e o jovem Samuel, escravo do armazém, nos mantinha informados de tudo que sabia através dos tropeiros e trabalhadores das fazendas vizinhas.

— Certo dia, ao entardecer, vimos a aproximação de mais ou menos cinquenta índios. Foi dado o alarme e nossos homens apanharam seus arcos e flechas, azagaias e facões. Mas os índios se aproximaram até uns cem metros e sentaram-se, à espera de um contato. Aproximei-me com mais dois dos nossos. 'Mbele ficou atrás com os outros, prontos para o ataque, se fosse necessário.

— A poucos passos do que parecia ser o chefe, sentei-me também. Ele saudou-me com a mão erguida, e começou a falar naquela língua indígena misturada com português, que chamavam *nhengatu*:

— Meu nome é Suiá, e sou o chefe dessa gente. Não viemos para lutar. Somos o que sobrou de um grande povo e estamos cansados de andar de um lado para o outro nessas terras que já foram da minha gente, e onde não temos mais lugar. Em nome de meu povo estou lhe pedindo para nos aceitar em sua aldeia.

— Olhei aquela gente e vi que estavam bastante maltratados pela necessidade de alimento e abrigo, apesar de acostumados à vida nômade. Mulheres vestidas com saias, os homens traziam trapos em torno da cintura; mantinham suas pinturas em preto e vermelho. As crianças estavam nuas. Via-se que a influência dos brancos estava por ali. Muitos tinham os dentes em péssimo estado devido ao uso do açúcar. Pedi



(.) *A poucos passos do que parecia ser o chefe, sentei-me também. (.)*

ao chefe que me aguardasse enquanto consultava os outros da aldeia.

— Chamei 'Mbele, Pai Natanael e mais alguns para ouvi-los, depois de relatar o pedido de Suiá. Víamo-nos naquela gente quando chegamos à região. Sem lugar, sem abrigo, sem alimento, alguns doentes... Estávamos de acordo quanto a não serem uma ameaça para nós. Seriam um reforço para nossos projetos, pois conheciam bem a região, os costumes, as plantas e os animais, além dos próprios moradores brancos. Levei a decisão para Suiá.

—Suiá, minha gente decidiu que vocês podem ficar. Receberão de nós tudo que pudermos oferecer para que sua gente se sinta feliz, como nós estamos agora que temos o necessário para viver.

— O chefe agradeceu e comunicou ao pajé Apoki. Um velho de cabelos muito brancos, mas de corpo ainda rijo. Ali mesmo acenderam fogueiras e prepararam-se para passar a noite. No dia seguinte levantariam suas ocas — cabanas de madeira, galhos e capim, com a nossa ajuda. Nossas mulheres trouxeram alimento, e Pai Natanael tratou os ferimentos que alguns traziam. Estavam gratos e felizes diante da perspectiva de pararem de perambular sem rumo pela região, sendo escorraçados pelos brancos sempre que encontrados.

—Com isso vimos nossa aldeia aumentada em cerca de cinqüenta novos membros, dos quais uns vinte e oito homens válidos, prontos para a luta se necessário. Eram hábeis no manejo do arco e flecha, dos tacapes e bordunas. Seu conhecimento da região era precioso para nós. Eram ótimos rastreadores. O pajé Apoki e Pai Natanael logo se entenderam.

— A chegada dos índios representou mais tranquilidade para minha gente, e nunca tivemos problemas com eles. Em poucas semanas estavam integrados na aldeia. Dividíamos o que caçávamos e pescávamos. Gostavam de caçar macacos, cuja carne apreciavam muito. A colheita serviria para todos nós. Era suficiente para alimentar toda a aldeia, mas mesmo assim, pretendíamos, conseguir mais alimento para a época da nova marcha para o Noroeste, afastando-nos cada vez mais daquelas regiões, sempre mais e mais freqüentadas pelos garimpeiros.

5 Lucinda e Jordain

"Cada existência corpórea é, pois, para o Espírito, um meio de progredir mais ou menos sensivelmente. De volta ao mundo dos Espíritos, leva para lá novas idéias; um horizonte moral mais dilatado; percepções mais agudas, mas delicadas." (Kardec, Allan — A morte espiritual, in Obras Póstumas)

COM o passar dos dias, cada vez mais Pai José se apegava ao moço estrangeiro. Já via nele um quase filho, e preocupava-se com seu amor por Lucinda. O senhor Dias, apesar de toda a mudança de conduta nos últimos anos, era um fazendeiro que seguia mais ou menos os padrões da época.

Podia ser que não desejasse ver sua filha casada com um jovem estrangeiro, culto e excelente pessoa, mas sem posses, apesar de sua família ter uma posição relativamente segura na França, onde ainda viviam seus pais e duas irmãs mais novas. Pretendia auxiliar o jovem, fazendo o possível para uni-los.

A ocasião não demorou a aparecer. O senhor Dias, em visita rotineira às pastagens e ao curral, na volta passou pela choça do velho escravo para vê-lo. Pai José levantou-se da rede com a rapidez possível, embora o patrão lhe acenasse que podia ficar como estava.

—Boa tarde, Pai José. Como tem passado? E a perna, melhorou?

—Boa tarde, patrão. A idade pesa em meus ombros e alguma coisa no meu peito me dói mais que a perna. Coisa de velho, não se incomode não, senhor.

—Esse rapaz, senhor Jourdain, que vem visitá-lo com freqüência, o que acha dele, Pai José? Anda um pouco diferente nesses últimos dias. Me disse que pretendia adiar sua volta à Vila por mais duas

ou três semanas, e ainda ontem me pediu autorização para permanecer mais um pouco conosco. Concordei, pois não vejo motivos para afastá-lo.

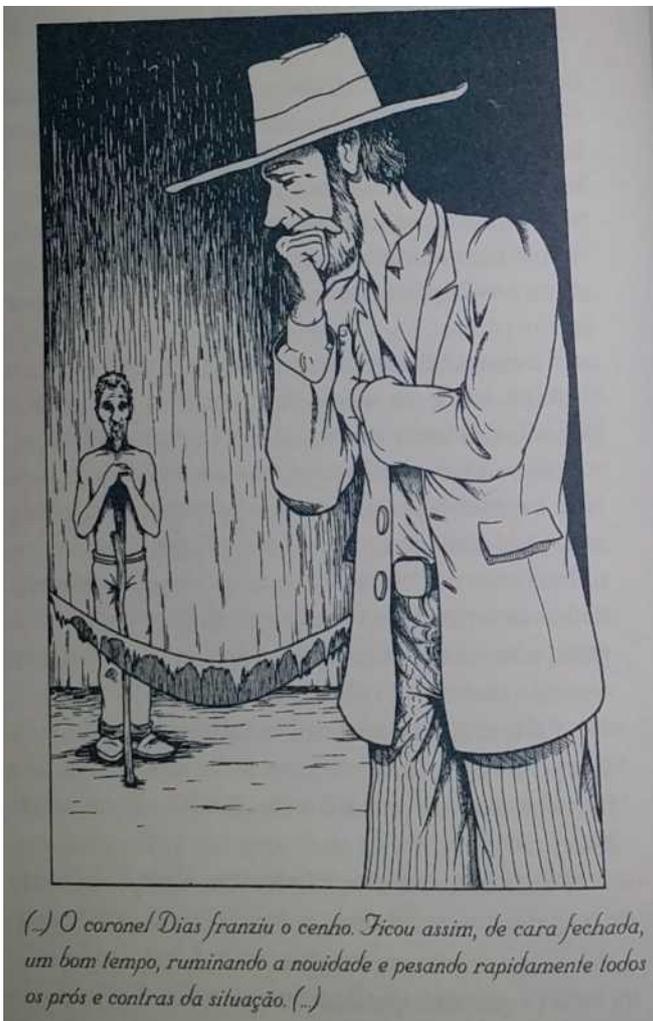
— Se o patrão pede opinião de um preto-velho, eu lhe devo responder honestamente. Acho o rapaz uma boa pessoa. Não é rico de coisas, mas é rico de virtudes e será sempre um bom amigo. Gosta daqui e apegou-se à sua família. Gosta da patroa e das crianças, e já que perguntou, patrão, sente-se atraído pela sinhazinha Lucinda, mas teme tocar no assunto com o senhor. Não quero preocupá-lo e nem prejudicar sua filha. Eles se amam, patrão.

O coronel Dias franziu o cenho. Ficou assim, de cara fechada, um bom tempo, ruminando a novidade e pesando rapidamente todos os prós e contras da situação. No fundo estimava o rapaz, e não via impedimentos reais para impossibilitar qualquer ligação dele com sua filha, se fosse o caso, mas... a falação dos outros fazendeiros, os interesses dos filhos de outros coronéis da região em juntar as terras e as riquezas através de casamentos arranjados, eram coisas que deviam ser consideradas, segundo ele.

Pai José observava-o atentamente. Sabia que aquele momento era decisivo para o relacionamento dos dois jovens, e que dali já sairia a decisão quanto ao futuro deles.

Finalmente, o senhor Dias levantou a cabeça e, ainda esfregando o tacão da bota num dos pés do tamborete, olhou diretamente para o ex-escravo perguntando:

— O que acha que é melhor para eles, Pai José?



(-) O coronel Dias franziu o cenho. Ficou assim, de cara fechada, um bom tempo, ruminando a novidade e pesando rapidamente todos os prós e contras da situação. (-)

— Penso — respondeu o velho — que o senhor deveria conversar com sinhá Isabel, e depois de entender-se com ela, chamar os dois para uma conversa, ou esperar que o jovem Jourdain o procure, pois ele vai procurá-lo para conversar sobre o assunto. Se me permite ser franco, patrão, os dois se amam, e sem amor nenhum casamento é feliz, mesmo com muito dinheiro. O senhor deve pensar e decidir se quer ver a sua filha feliz, ou se quer a família mais rica. A sua escolha decide a questão.

O coronel Dias levantou-se calado e lentamente dirigiu-se à porta baixa do casebre. Antes de sair, porém, voltou-se em direção ao preto-velho e exclamou:

— Sua clareza de pensamento me impressiona, Pai José, por isso não me envergonho de pedir-lhe uma opinião nessas ocasiões difíceis. Seria bom se tivéssemos mais homens assim na direção dos povos, disse, já atravessando a entrada da choça. Era seu modo de reconhecer a autoridade moral que Pai José exercia sobre ele, sua benéfica influência, e também seu modo de agradecer.

Naquela noite o senhor Dias conversou com sua esposa sobre o caso dos dois jovens enamorados. Sinhá Isabel sorriu e disse que já desconfiava. Ninguém esconde o amor, disse ao companheiro. Por mais que se tente disfarçar, quem ama, muda seu comportamento; e sua filha, Lucinda, já não era a mesma desde a chegada do jovem historiador.

— Eles se amam, e o jovem Jourdain é um bom partido. Se não é rico, é culto e muito bom; pode muito bem fazer nossa filha feliz — disse ao marido.

— Foi o que disse Pai José. Ele pensa mais ou menos como você. Acha que devo escolher entre a felicidade de minha filha e o aumento da riqueza de nossa família. As duas coisas juntas não são possíveis neste caso. Mas... eu tenho um certo pressentimento quanto ao futuro deles.

— Já fala como quem está de acordo — disse sorrindo a sinhá.

O coronel grunhiu qualquer coisa e virou-se no colchão de palha. Antes de cair no sono, porém, virou-se para a esposa e disse:

— Amanhã resolvo isso. Ou o jovem Jourdain vem ver-me para tratar do assunto, ou eu mesmo o procuro para resolver o caso.

Boas novas para o jovem casal

Na manhã seguinte, Jourdain foi à cabana de Pai José como de hábito, e lá foi posto a par da conversa que este tivera com o patrão. O jovem empalideceu vendo-se descoberto assim, de forma tão súbita.

Pai José o tranqüilizou sobre o assunto dizendo que o patrão não demonstrara desagrado, e que ele só precisava de algum tempo para se acostumar com a idéia e conversar com a patroa, que certamente não se oporia à união dos dois.

Que ficasse tranqüilo por isso, e conversasse abertamente com o senhor Dias sobre seu romance com Lucinda. Afinal, ele era o pai dela e precisava saber. Nada pior que um amor em segredo, pois acaba levantando suspeitas. Jourdain concordou e prometeu ver o senhor Dias ainda naquela ocasião, caso ele não o procurasse antes.

Encerrada a entrevista, naturalmente mais cinto que o de costume, o jovem pesquisador procurou primeiro Lucinda, encontrando-a na varanda da Casa Grande, bordando um lenço. Foi recebido com um sorriso amoroso e temo. Entenderam-se sem palavras, pois a mãe, Isabel, já a pusera a par dos acontecimentos que se precipitavam com relação aos dois.

— Quer mesmo unir seu destino ao meu, Lucinda? — perguntou o jovem.

— De todo o meu coração, de toda a minha alma, Jourdain. Foi a resposta.

— Vou falar sobre nós com seu pai ainda hoje, para evitar que surjam mal-entendidos. O que sua mãe pensa disso?

— Ela não se opõe ao nosso amor. Ela nos compreende; mas a decisão final depende de meu pai, como você sabe.

— Falarei com ele. Até mais tarde, meu anjo!

Entrando na grande sala de jantar deu de frente com o senhor Dias que o olhou fixamente, como a estudar-lhe as reações. Jourdain não se intimidou e lhe disse diretamente:

Senhor Dias, preciso conversar com o senhor sobre assunto de importância para nós dois e de natureza particular. Quando puder, peço-lhe a gentileza de me avisar.

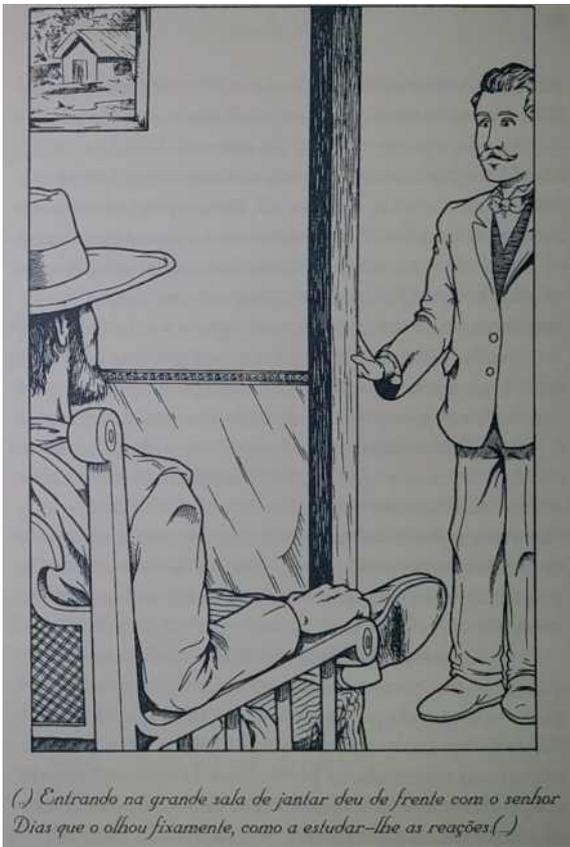
—Pode ser agora mesmo, prezado senhor Jourdain. Se quiser, sentemo-nos aqui mesmo, se não tem objeção.

—Não senhor, nenhuma—respondeu o jovem sem perder a coragem que o momento exigia. — E provável que o senhor e a senhora Isabel já estejam mais ou menos a par do que se trata. Mas antes de entrar diretamente no assunto que me interessa, faço questão de deixar claro que os prezo muito, a toda a sua família, senhor.

— Fui muito bem recebido por todos quando aqui cheguei, há poucas semanas, e sua hospitalidade me é coisa valiosa e respeitável. Não quero, portanto, que me queira mal ou não me compreenda corretamente.

— Não precisa de rodeios, rapaz. — Disse o senhor Dias, como a encorajá-lo a entrar no assunto.

— A questão é que sua filha, Lucinda, me atraiu a



(.) Entrando na grande sala de jantar deu de frente com o senhor Dias que o olhou fixamente, como a estudar-lhe as reações.(.)

atenção desde o primeiro dia de minha chegada, senhor Dias. No início temi qualquer relacionamento e procurei até evitá-la, e sequer pensar no assunto. Mas, o coração rebelde e não obedece à razão. Aos poucos, fomos nos relacionando e daí surgiu um amor que bem sei ser correspondido. Lucinda e eu nos amamos e gostaríamos de nos casar, com sua permissão. Bem sei, também, que não tenho grandes posses e sequer sou daqui, mas... aconteceu e, apesar de tudo, creio que posso fazê-la feliz.

IE Na verdade, meu jovem, sei que realmente o coração é rebelde. Aconteceu comigo também e com Isabel. Por isso, não pense que sou incapaz de entender o que lhes acontece. O que considerei foram conveniências, mas decidi pôr a felicidade de minha filha acima de todas elas e de tudo. Se essa é a vontade dela, não me oponho ao casamento de vocês e receberão, além de minha autorização, as bênçãos de Isabel e a minha própria... e espero que sejam felizes — disse, meio reticente.

— Agradeço pela sua compreensão e permissão quanto ao casamento. Falarei com Lucinda agora mesmo para ver o que ela pensa e pretende fazer quanto a isso. Adianto-lhe, senhor, que deverei voltar a Vila Rica por imperiosas necessidades profissionais e que, se Lucinda estiver de acordo, é lá que deveremos morar, em função de minha rotina de trabalho.

— Já imaginava isso, rapaz. — Respondeu o pai da moça, com um ar ainda sério, embora mantivesse a voz calma. — Vá e fale com ela!

O jovem aproximou-se de Lucinda que ainda permanecia na varanda da casa, e pela sua expressão compreendeu que tiveram a aprovação paterna. Levantou-se, segurando as mãos de seu amado.

— Seu pai e eu conversamos. Ele já está a par de tudo e aprovou nosso casamento, bem como temos também a aprovação de sua mãe. Aproveitei a ocasião e lhe adiantei a necessidade de nos mudarmos para Vila Rica, em virtude de meu trabalho. Ele compreendeu. Só nos resta agora nos entendermos quanto ao casamento, e darmos início à nossa vida.

— Jourdain, meu querido, faremos tudo da forma mais simples possível e iremos para a Vila quando você quiser. Também já tinha conversado com minha mãe a respeito, para ter o apoio dela se fosse necessário. Seremos felizes, meu querido, aqui, em Vila Rica ou onde você achar melhor, desde que estejamos juntos.

O casamento

Ainda naquele dia Jourdain foi novamente à cabana de Pai José agradecer-lhe a intervenção

preciosa. A notícia logo se espalhou e o jovem casal começou a ter que suportar os gracejos dos irmãos menores de Lucinda. Na verdade, eles o estimavam muito também, e até o jovem Pedro Dias, o caçula, dizia que queria ser como ele quando crescesse. De fato não demonstrava ter pendores para o trato com a terra.

O casamento foi marcado para daí um mês e realizado sem pompas, mas com a presença dos fazendeiros vizinhos, nem todos realmente satisfeitos com o acontecido, pois supunham que a sinhazinha Lucinda acabasse se casando com o filho de algum deles, juntando as terras e as riquezas. Mas, as coisas transcorreram a contento e, principalmente, ao gosto dos dois, dos pais da noiva, e sob as bênçãos de Pai José, que os estimava muito.

Não demorou muito para que preparassem as bagagens e fizessem a esperada mudança para Vila Rica, sede do governo imperial nas Minas Gerais. Lá, Paul Jourdain pretendia trabalhar e cuidar de sua jovem e adorada esposa, visitando regularmente os familiares.

Seus pais e irmãs viriam da França na primeira oportunidade para conhecer a noiva e, por sua vez, abençoar o casamento, do qual teriam conhecimento pelas cartas do filho.

Alguns dias depois de uma viagem cansativa e arrastada pelo sertão mineiro, passaram ao largo de Cachoeira do Campo. Mais três léguas e chegariam ao destino. Ao longo da estrada batida deixaram os ipês floridos e os pequizeiros carregados de frutos. Agora, a pequena comitiva, escoltada por Antônio e mais dois ajudantes, já podia divisar as torres das muitas igrejas da Vila, além do casario colonial que despontava entre as montanhas cobertas de uma névoa azul-cinzenta.

Enquanto isso, Lucinda se deliciava com a perspectiva de conhecer, pela primeira vez, a sede do governo local e seu futuro lar. Ambos sonhavam um futuro radioso ali, mas... se fosse dado aos homens prever com exatidão o que estava por vir!

Em poucos dias estavam instalados e começando vida nova. Jourdain cuidou de visitar, em breve, sinhá Ana para lhe dar notícias de José, seu ex-escravo, e apresentar-lhe sua jovem esposa. Deram-se bem, e as notícias sobre José, ou Uamba, levaram a velha idealista às lágrimas. Por sugestão de Lucinda providenciariam, na primeira oportunidade, uma visita do bom amigo José à Vila e a sinhá Ana.

SEGUNDA PARTE CONSTRUÇÃO DE UM NOVO MUNDO

60 combate

"Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros."

(Kardec, Allan — *O egoísmo e o orgulho*, in *Obras Póstumas*)

A PARTIDA de sinhá Lucinda e o esposo, o jovem Jourdain, deixaram Pai José algo entristecido. Apegara-se ao jovem e gostava da delicadeza e ternura da moça. Mas compreendia que aquele ambiente agreste não era lugar para duas almas que queriam e podiam voar mais alto.

Vila Rica era a escolha certa e, além do mais, estariam perto de sua antiga patroa, sinhá Ana, de quem não se esquecia.

Naquela manhã, sem a visita do rapaz, ficou deitado em sua rede cachimbando, enquanto observava os furos no teto de sua palhoça. Sim, era preciso tapar aquilo antes das chuvas mais fortes, pensou. A luz opaca do ambiente e a fumaça do cachimbo formavam um tom esquisito, meio de burro fugido, como se dizia por aqueles lados. Pai José meditava. Andava tendo uns pressentimentos

estranhos ligados à morte, não sabia se sua ou de alguém de seu relacionamento.

Não se preocupava, a não ser com a constância do sentimento, pois não temia a morte, e a compreendia como parte da vida. Sabia que quando chegasse a sua hora, reveria amigos de outros tempos, num mundo diferente.

Continuou soltando baforadas a esmo, enquanto relembrava o dia em que Jourdain chegou. Relembrou, sorrindo, seu susto ao ver um rosto jovem entrando pela sua cabana, e aquele sotaque diferente na voz do moço estrangeiro.

Sim, gostava dele e esperava que fosse feliz em sua nova vida. A Vila Rica de sua mocidade e de seus sonhos era ainda uma lembrança viva em sua memória de velho. Os velhos têm boa memória para coisas antigas, pensou.

Percorreu mentalmente as ruelas da Vila, rememorou os acontecimentos de 1789, relatados pela mãe de Ana, sinhá Mariana, a patroa, e sobre seu marido que morreu preso e sozinho em algum lugar, por causa da fracassada rebelião. De repente, começou a pensar na sua fuga da Vila, nos acontecimentos seguintes, no que contou ao jovem historiador, nas muitas andanças, lutas e mortes...

A vida no quilombo

O quilombo de Anzai prosperava a olhos vistos após a chegada dos índios, e com o trabalho conjunto já não havia fome e nem escassez. Os nativos conheciam a região. Sabiam rastrear muito bem, conheciam plantas medicinais, os animais, todos os principais cantos e recantos daquela área do sertão mineiro.

Mas, certo dia, a paz se foi da aldeia. Um dos vigias, que ia regularmente ao armazém na trilha, chegou com o Samuel, o escravo coxo do vendeiro. Chegaram suarentos e preocupados, pois o rapaz pegara um movimento estranho na região e alguns retalhos de conversa entre o dono da venda e alguns fazendeiros.

Ficara atento e, por fim, compreendeu tudo: estavam preparando expedição de caça aos quilombos e índios na região para *limpá-la* para a expansão das fazendas. O dono da venda traíra os quilombolas e índios liderados por Uamba. Não tinha detalhes a dar, mas sabia da existência do quilombo nas proximidades devido às compras feitas por Uamba ao longo desses últimos meses.

Uamba convocou os principais da aldeia, inclusive Suiá. Expôs os fatos e logo despachou alguns espiões liderados por 'Mbele para verificar o tamanho do problema. Não demorou mais que seis horas, e voltaram às pressas com as informações.

Através de escravas que lavavam roupa na beira do ribeirão, ficaram sabendo que uns quarenta soldados haviam chegado, sob o comando de um tal capitão Silva. Todos bem treinados e bem equipados. Os fazendeiros da região decidiram arcar com o ônus da expedição e fornecerem mais homens. Mais uns quarenta jagunços ao todo, também armados e ávidos de algum dinheiro extra. Tudo estava sendo rapidamente preparado para a manhã do terceiro dia, a contar daquele. Pouco tempo para fugir, pensou Uamba.

Em vista da urgência da situação, Uamba ordenou a imediata partida das mulheres, crianças, idosos e doentes, conduzidos por guias indígenas e mais alguns poucos homens, em direção ao Noroeste, conforme planejado anteriormente. Levariam o que pudessem para outro quilombo.

Os demais homens válidos, inclusive índios, ficariam para atrasar a coluna. Teriam que dar combate, pois era sabido não ser possível a fuga com a tropa nos calcanhares. Uamba preparava tudo com a rapidez que lhe permitiam as forças e a inteligência. Sabia que o tempo era pouco, e era necessário aproveitar a vantagem da surpresa. Despediu espiões para as proximidades das fazendas e deliberou avançar uma légua para além da aldeia e lá aguardar a tropa.

Atacariam ao pôr-do-sol do primeiro acampamento da coluna, usando a surpresa e a obscuridade do entardecer para confundir os perseguidores. Assim, não saberiam que estavam em menor número e em desvantagem de armamentos, pensava Uamba. Todos concordaram. Todo o furor belicoso de

'Mbele lhe veio à epiderme com aquela notícia.

Naquele dia, preparariam as armas e os suprimentos, apagariam as pistas e tudo que pudesse denunciar seu número e para onde se dirigiam. Queria que pensassem que houve uma debandada em massa com a notícia da expedição.

De fato, como esperado, os espiões voltaram confirmando tudo que se sabia. Tinham uns oitenta homens armados, duas léguas e meia atrás de si, sem contar os saqueadores, gente ruim que acompanhava essas expedições para ficar com as sobras. Ao todo, uns noventa e cinco viventes, que nem suspeitavam da emboscada que lhes era armada.

Quando anoiteceu, a coluna fez alto e preparou o acampamento. Os cães foram soltos para vigiar e alguns homens, todos mamelucos, faziam a ronda. Eram gente experiente. Uamba havia dividido seu pequeno exército em três grupos. Queria atacar pela frente e pelos lados, deixando uma rota de escape para os menos corajosos. Assim, dariam a impressão de serem mais numerosos do que de fato eram.

Assim que o Sol começou a mergulhar no horizonte, cada grupo tomou sua posição. O grupo liderado por Uamba atacaria primeiro com uma salva de tiros de pistola e azagaias. Em seguida os índios de Suiá disparariam suas flechas na confusão e, logo depois, o momento mais perigoso: o corpo-a-corpo com aquela gente. Todos atacariam sob o comando de 'Mbele, usando lanças, facas, facões, machados, tacapes e bordunas.

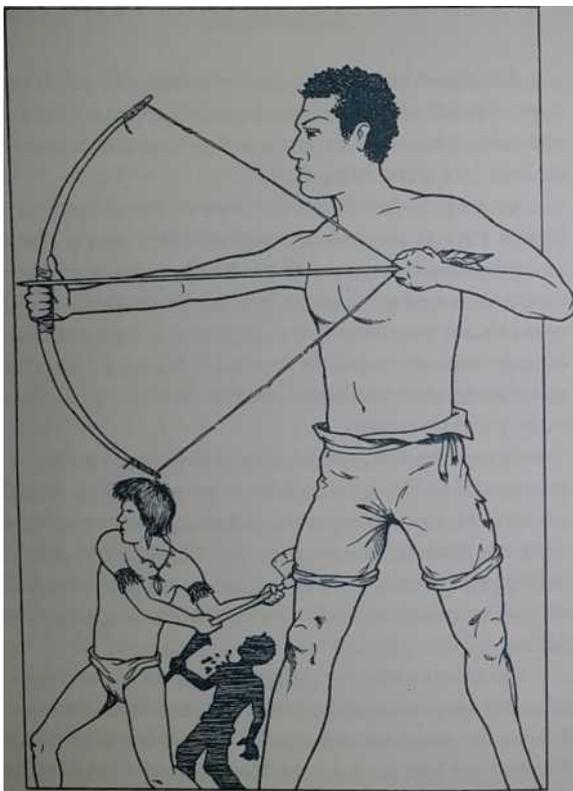
Os cães foram sedados com pedaços pequenos de carne fresca com aquele pó que Pai Natanael preparava, e que fazia bicho e gente dormir por umas duas horas. O cachorro que não comeu, foi flechado. Os vigias foram mortos pelos índios e então se acercaram para o ataque ao acampamento.

Mais uma vez a estratégia de Uamba deu resultado. Aquela gente não esperava ser atacada, menos ainda ao anoitecer, à luz mortífera de fogueiras de acampamento e de uma Lua quase minguante.

Os tiros de pistola dos homens de Uamba puseram alguns fora de combate e o capitão Silva deu o alerta, mas foi flechado na perna. O capitão-do-mato, o Antenor, gritou para que formassem um círculo protetor, já que não sabiam de onde vinha o grosso do ataque. Sua couraça feita de couro de anta o protegeu das flechas, mas não de um tiro certo que lhe entrou por baixo da axila, pondo-o morto.

O capitão Silva procurava pôr ordem na defesa, apesar da flecha encravada na perna. Os homens, assustados com o inesperado ataque, se protegiam nas moitas e árvores. Pouco resolveu. 'Mbele caiu sobre o acampamento com seus homens tal qual uma avalanche, causando uma impressão terrível com os gritos que davam.

Os mais medrosos deram o caso por perdido e procuravam se safar da emboscada. Quando localizaram o lado sem atacantes despejaram por ali, largando tudo o mais para trás. O combate durou cerca de uma hora, durante a qual os gritos de dor, disparos de armas de fogo e flechas estalavam no espaço. Muitos morreram, mas a vitória coube aos quilombolas e índios.



(...) O combate durou cerca de uma hora, durante a qual os gritos de dor, disparos de armas de fogo e flechas estalavam no espaço. (...)

'Mbele queria executar os feridos, mas Uamba o impediu, argumentando que lutaram por suas vidas, e não se tomariam assassinos. Que os feridos se cuidassem mutuamente enquanto eles recolhiam o que lhes servisse, inclusive animais de carga, para levar os feridos graves e a tralha recolhida, além de armas e munições.

Armas que não levaram, foram jogadas numa ravina cavada pela chuva, para escondê-las e, assim, impedir sua reutilização. Do seu lado, Uamba contou dezessete mortos, e a maioria estava ferida mais ou menos gravemente, inclusive ele e 'Mbele. Do lado dos soldados e jagunços, vinte e dois mortos, um grande número de feridos, e os fugitivos que retomaram a trilha para as fazendas de origem.

Quando viu os fugitivos passarem apressados e machucados defronte ao seu armazém, na alvorada do dia seguinte, e relatarem o fracasso da expedição, o vendeiro tomou-se de pavor e recolheu o que pôde, indo pedir refúgio a um dos fazendeiros.

Sua condição de traidor o punha como alvo certo da vingança dos negros e dos índios. Aos poucos sua razão foi se perdendo em função daquele misto de medo, culpa e remorso.

Os fazendeiros engoliram o prejuízo e a derrota. O Governo contabilizou os soldados mortos e as perdas materiais, mas nenhum deles podia fazer qualquer coisa, por enquanto. Uamba apressou-se em enterrar os companheiros mortos, recolheu tudo que lhe pareceu útil para a reconstrução do quilombo em outro lugar, deixou os inimigos feridos entregues a si mesmos e partiu, procurando apagar o máximo de sinais que os denunciasses.

Os fazendeiros certamente logo viriam ver de perto o resultado de sua mal sucedida empreitada, e Uamba não tinha como fazer frente a mais uma escaramuça. Tomaram rumo para juntarem-se aos demais.

7 Rumo ao Nordeste

"O Espírito progride no estado corporal e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado um certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais."

(Kardec, Allan - As cinco alternativas da humanidade, parág. 5, in *Obras Póstumas*)

A VIDA corria na fazenda e Pai José continuava com seus afazeres matinais. Apesar da rotina, sentia falta do jovem Jourdain e da sinhazinha Ludnda. Além disso, notava que suas forças decaíam lentamente. Nem sempre levantava de sua rede com a mesma disposição, e dormir na esteira não lhe dava condição física melhor.

Nos dias chuvosos sentia muitas dores nas pernas. As vezes o peito lhe doía também. Seus cabelos estavam cada vez mais grisalhos.

Apesar de tudo, trabalhava e cachimbava nas horas vazias. Relembrava coisas do passado, a presença do jovem estrangeiro em sua vida, os amigos e companheiros de luta de outros tempos. Lembrou-se com tristeza de quando 'Mbele morreu numa tentativa frustrada de atrair novos atacantes da aldeia para outro lugar.

Repassou pela memória a longa caminhada rumo ao Noroeste, na tentativa de fugir aos perigos da perseguição dos brancos. Sonhavam com um lugar desabitado e sem outros perigos que não os da Natureza agreste e selvagem. Era bem mais fácil conviver com as cobras e as onças que com os brancos, principalmente se fossem garimpeiros, gente bronca e sem escrúpulos, ou fazendeiros — gente arrogante, emproada e gananciosa. Seu povo minguava aos poucos.

Percorreu com os pensamentos as mesmas trilhas abertas pelos seus batedores negros e indígenas. Relembrou a morte de Genoveva, de febre, e dos crescentes problemas de Pai Natanael com sua saúde.

Ele, que era a salvação de sua gente quando a doença ou os ferimentos aconteciam.

Foi uma longa e penosa jornada em busca de uma paz e liberdade só possíveis noutros mundos. Mas caminharam. Caminharam muito, na esperança de encontrar um lugar apropriado à formação de um novo quilombo.

Caminharam durante seis semanas, de sol a sol, para ganharem tempo e distância. Encontraram pouca gente pelo caminho. Em geral, outros fugitivos. Negros evadidos de suas fazendas, índios perambulando sem rumo ou outro propósito que o de viver mais uns dias, tropeiros, brancos ou mestiços encrocados com fazendeiros ou com as autoridades, por homicídio ou roubo.

Aquela região do sertão das Gerais era bonita. Ipês, pequiizeiros, pau-terra, jatobás com frutos suculentos, barbatimão com uma casca grossa parecendo escamas vermelhas e flores verdes, bem miúdas. Animais selvagens, cobras, pássaros, insetos, flores e uma infinidade de outras belezas que a terra oferecia a todos, igualmente, sem nada cobrar.

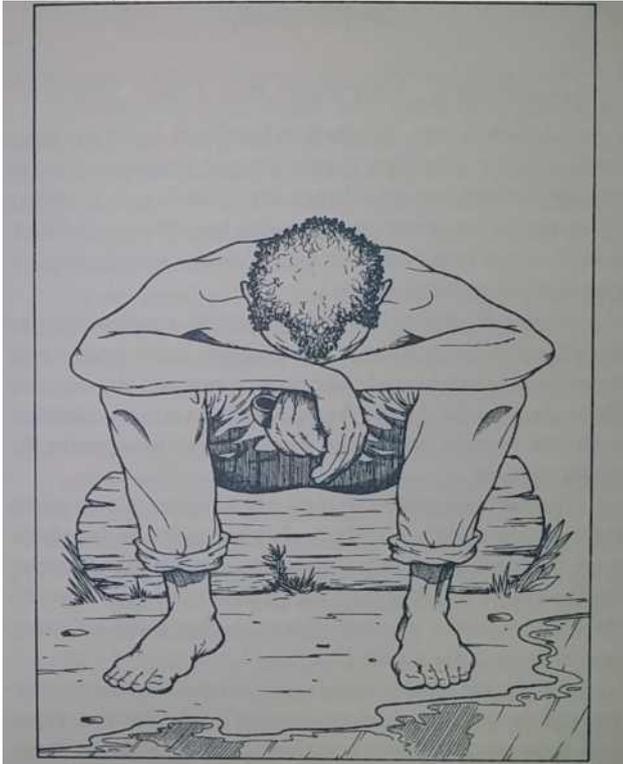
Mas era uma região bem mais quente que a do Centro-Leste, onde estava situada Vila Rica. A Vila, fria durante a maior parte do ano. Sombria quase sempre, mas ainda assim uma cidade bonita com suas casas coloniais, suas ruelas íngremes e tortuosas, suas igrejas, os trabalhos do Mestre Lisboa e de Mestre Ataíde. Tudo lhe vinha à mente em disparada, em desordem, com as imagens e lembranças se sucedendo.

Pai José assustou-se com aquilo tudo. Preferiu sair e vagar pela fazenda, sentir o cheiro do estrume de gado no curral, ouvir o relincho dos cavalos na pastagem. Tudo isso significava, para ele, vida. Caminhou por entre algumas poucas árvores frutíferas e hortaliças — o mineiro não era muito de vegetais e frutos — e seguiu até o regato onde abastecia sua bilha diariamente.

Sentou-se com o cachimbo na mão. Notou que o **fumo se acabava**. Bateu com ele numa raiz próxima, **jogando fora os restos de fumo queimado e as brasas**. **Pôs a cabeça** sobre os braços cruzados nos joelhos e **chorou**. **Seus soluços** se misturavam com o marulhar do **regato**, **abafando-se**. Pai José cismava e perguntava a si **mesmo qual teria sido o propósito de tudo aquilo, de tanto sofrimento**, de toda uma vida...

Ao seu lado, fora do alcance de seus olhos carnis, amigos espirituais o observavam em respeitoso silêncio. **Compreendiam sua dor e estavam ali para dar-lhe forças para suportar seus últimos tempos na Terra**.

O velho negro por fim deixou de chorar e dirigiu um olhar vazio e perdido para a correnteza do riacho. Sentiu algum reconforto interior. Permaneceu ali, sem pensar e quase sem sentir, por muito tempo.



(...) Pôs a cabeça sobre os braços cruzados nos joelhos e chorou. Seus soluços se misturavam com o marulhar do regato, abafando-se. (...)

Lucinda e Jourdain em Vila Rica

Enquanto isso, Lucinda e Jourdain levavam uma nova vida em Vila Rica. A casa em que passaram a viver era confortável e não muito grande. Ficava perto do largo da igreja de São Francisco, um dos trabalhos de Mestre Lisboa, e que tinha um jeito meio pagão, com suas torres que lembravam minaretes.

Com a ajuda de uma escrava jovem e prestativa que a acompanhava desde a fazenda, cujo nome era Anastácia, Lucinda cuidava dos afazeres próprios de uma dona de casa da época. Jourdain fizera novos contatos com sua família na França e aguardava uma visita de seus parentes.

Tudo corria dentro de uma morna rotina. Os recursos para a vida material vinham dos trabalhos de Jourdain para as autoridades locais. Traduzia cartas para o francês, fazia-se às vezes de intérprete quando de alguma visita de conterrâneos, providenciava textos para a Corte, revisava documentos etc.

Fazia de tudo que seus conhecimentos lhe permitissem, numa terra em que ser alfabetizado era um luxo para poucos. Poucas mulheres sabiam ler e escrever. Mesmo Lucinda, que já se arriscava no francês com o marido, tinha alguma dificuldade com as letras, quando se tratava de alguma obra mais difícil. Estimulada pelo esposo, pretendia melhorar seu nível cultural.

O convívio com sinhá Ana fazia bem aos dois. Aquela senhora lhes contava sua luta em outros tempos, seus ideais, pelos quais dera seu tempo, seu esforço, sua saúde e quase sua vida. Desde que perdera o marido, morto pelas doenças do frio da Vila, perdera com ele parte de seu vigor revolucionário.

Aquela gente sofrida que vivia em Vila Rica perdera muito de sua vontade de ver-se livre de autoridades gananciosas, incompetentes e corruptas; um estigma da ex-colônia. Parecia que um completo cansaço se apoderara de todos, e todos deixavam as coisas correrem de qualquer jeito.

Não acreditavam em dias melhores, pois, além disso, viam aquela que fora uma das maiores cidades da América do Sul, na época da corrida do ouro na Colônia, perder seus habitantes para

outros lugares. Todo o sangue e toda a luta dos antigos revolucionários, desde Filipe dos Santos, pareciam ter sido em vão.

Sinhá Ana pedia sempre que lhe falassem de José — ou Uamba — e o casal comentava sua ascendência sobre o senhor Dias, desde quando o salvara de morrer por causa de doença da região. A velha senhora ouvia atenta. Os jovens esposos de algum modo absorviam aquela visão de mundo. Uma senhora branca e um ex-escravo negro compartilhavam, sem restrições, do mesmo ideal. Cada qual agindo a seu modo e de acordo com as circunstâncias.

Aquele intercâmbio era útil a todos. A presença frequente de Lucinda amenizava a velhice de sinhá Ana. A experiência e as idéias da velha senhora lhe caíam na alma jovem como boas sementes em terreno fértil, e o jovem Jourdain procurava incutir, naqueles de seu convívio, costumes menos cruéis, especialmente no trato com a gente simples da região e com os negros. Índios, já quase não havia por ali. Uns poucos mestiços, de costumes modificados, sem raízes.

O jovem casal aguardava uma oportunidade para providenciar a vinda de Pai José a Vila Rica, em visita a sinhá Ana. Sabiam que não podiam esperar muito, pois ambos estavam envelhecidos, e cada vez mais limitados em suas forças físicas, apesar da lucidez de suas mentes. Além disso, a distância entre a Vila e a fazenda no Oeste da província não era pequena.

O pai de Lucinda aguardava também uma ocasião —para depois do tempo das chuvas—de fazer-lhes uma visita. Lucinda já lhe comunicara seu intento por carta. Talvez Pai José viesse junto.

Em meados do século XIX, em pleno efervescer de novas idéias, Vila Rica também sofria suas transformações. Cada vez menos populosa, mas permanentemente bela. Uma pérola colonial encravada nas montanhas das Gerais. Era visitada por estudiosos e historiadores de toda parte. Percebia-se que sua fase como forte núcleo revolucionário estava passando, dividindo agora esta tarefa com outras regiões. As inúmeras rebeliões pelo País o demonstravam de forma inequívoca.

Do Rio Grande do Sul ao Norte e Nordeste do País, as coisas aconteciam, e muita gente andava morrendo sob o sabre do Duque de Caxias. Sinhá Ana percebia toda essa transformação e, em sua velhice experiente, compreendia como nunca a lenta evolução dos homens e de seus costumes.

8 O novo quilombo

"Cada um de nós tem sua missão providencial na grande colmeia humana e concorre para a obra comum na sua esfera de atividade. Se soubéssemos de antemão o fim de cada coisa, é fora de dúvida que a harmonia geral ficaria perturbada." (Kardec, Allan — *A segunda vista*, in *Obras Póstumas*)

PAI José andava triste e abatido com o que vinha acontecendo. Sua saúde, cada vez mais abalada, as persistentes lembranças das coisas passadas e até visões de companheiros já na vida espiritual, tomavam-se constantes. Já tinha visto Pai Natanael, o companheiro 'Mbele e outros que já haviam partido desde muito. Até pessoas desconhecidas ou das quais não se lembrava vinham vê-lo.

Não que temesse a morte ou que duvidasse da existência do mundo invisível, onde certamente reencontraria seus amigos. Mas algo o incomodava. Talvez a preocupação com o jovem amigo Jourdain e sua esposa; sinhá Ana também não lhe saía da mente. O senhor Dias já lhe dissera que pretendia levá-lo a Vila Rica consigo, na primeira oportunidade, assim que passassem as chuvas, onde reveria os amigos.

Soubera de sua ligação com a cidade e com sinhá Ana através de Lucinda. Pai José ansiava por essa ocasião, pois pressentia que seus dias na Terra estavam terminando, e queria rever sua antiga patroa e amiga antes da partida, rumo ao mundo das almas.

Apesar da conversa, o senhor Dias notava o acabrunhamento de Pai José. Às vezes conversavam sobre o assunto. O velho escravo respondia com evasivas, não querendo preocupar o patrão. Por fim comentou:

— Patrão, já devo ter passado dos setenta anos e nada mais me amedronta neste mundo. Nem a morte. Temos sido quase amigos nesses anos todos em que vivo aqui na fazenda, e o senhor

tem sido bom para comigo. Fiquei muito feliz quando o senhor mandou retirar o tronco e proibiu os castigos aos negros.

— Pode estar certo que a maioria de minha gente o abençoa por isso — continuou — e pede a Deus pelo senhor e por toda a sua família. É por isso que eu lhe peço: não mude as coisas quando eu me for. O senhor não me deve nada. Mas, por Deus, eu lhe peço, não deixe que o chicote volte a estalar no lombo dos negros nesta fazenda.

— Pode ficar tranquilo quanto a isso, José. Mesmo que eu quisesse, com certeza, Isabel não deixaria, e meus filhos e genro me recriminariam. Não me arrependo dessa mudança aqui na fazenda, apesar da reprovação dos outros fazendeiros. Aprendi a ver a vida de um modo diferente depois da doença que quase me matou... Se não fosse por sua ajuda...

— Eu agradeço, patrão.

O senhor Dias afastou-se pensativo. Deveria apressar a visita a Vila Rica, do contrário poderia não haver mais tempo para que o velho negro revisse sua antiga patroa e o novo amigo.

A nova aldeia

Pai José acordou numa madrugada fria e chuvosa com dores nas pernas e no peito. Esfregou seus unguentos, tomou um gole de um composto de plantas de uma garrafa e sentou-se na rede. Depois acendeu o fogo para aquecer sua choça e, em seguida, preparou o cachimbo. Algumas baforadas e o pensamento passou a voar com a fumaça.

Aquela caminhada em busca de um lugar seguro para o novo quilombo fora por demais desgastante para todos. Alguns não resistiram e morreram pelo caminho, mas era preciso continuar. De nada adiantava parar, construir uma nova aldeia e logo ter que fugir. Mas acabaram por encontrar um local que lhes pareceu seguro.

Os batedores, que sempre seguiam cerca de uma légua adiante, mandaram notícias de um lugar adequado e fora de qualquer rota conhecida. O local era montanhoso, bastante arborizado e com um rio e riachos por perto.

Após uma verificação mais cuidadosa de Suiá, de 'Mbele e dele mesmo, Uamba, decidiram construir ali o novo reduto dos negros e índios. Novamente bambus e troncos para a paliçada, vigias—dia e noite—em árvores estrategicamente escolhidas, a construção das cabanas, o preparo do solo, a confecção do vasilhame de barro e tudo o mais que necessitavam.

Os animais e toda aquela tralha recolhida por ocasião da luta, além do que já tinham, foram muito importantes para facilitar o trabalho e ganhar tempo. Grupos de caça traziam sempre alguma coisa para melhorar a alimentação. A criançada pescava no rio, e ajudava também. Em poucas semanas uma nova rotina se estabelecia na vida da nova aldeia de Anzai. Todos trabalhavam felizes.

Em meio a tudo isso, oito novas vidas apareceram entre eles: três curumins e cinco dentre os negros. Havia uma relativa paz e prosperidade no quilombo e nenhuma notícia de gente branca por perto.

Parecia que tinham escolhido o lugar certo, pois os anos transcorriam sem problemas maiores que os habituais, relacionados com doenças, cortes acidentais ou eventuais mordeduras de cobras — abundantes na região—principalmente jararacas e urutus. As colheitas de milho, feijão e mandioca eram suficientes para o consumo da aldeia. Os índios conheciam frutos silvestres que complementavam a dieta, as matas davam os animais, e o rio os peixes, além de água límpida.

Com o tempo, os garimpeiros passaram a avançar por aquela região. Alguns foram vistos experimentando o leito de um riacho, duas léguas abaixo de Anzai. Uamba decidiu não incomodá-los e pensava que desistiriam se nada encontrassem. No entanto, no lugar havia algum ouro e sua permanência já se prolongava por mais de duas semanas. Eram seis ao todo. Um deles foi apanhado muito perto da aldeia, molestando uma jovem índia. Outros correram em seu socorro e o homem foi morto a golpes de borduna e tacape ali mesmo.

Esse incidente precipitou os acontecimentos. 'Mbele votou pela morte dos outros, pois dariam falta do companheiro e, se voltassem para o lugar de onde vieram, dariam o alarme quanto a existência de negros ou índios hostis na região. O corpo do garimpeiro morto foi enterrado e decidiu-se liquidar os demais ao anoitecer do mesmo dia.

Um grupo de guerra, composto por doze homens, liderados por 'Mbele foi mandado ao acampamento dos garimpeiros. O ataque foi rápido e as flechas dos indígenas fizeram seu trabalho. Os corpos foram jogados em lugar profundo do rio, despidos. Os jacarés e as piranhas dariam cabo dos restos. Entretanto, deram pela falta de um dos garimpeiros.

Na verdade, um deles havia se retardado na pesquisa de ouro rio abaixo e vira tudo, a distância. Fugiu apavorado. Ele daria informações às autoridades e fazendeiros locais sobre a existência de um quilombo na região, um pouco além do rio São Francisco, e sobre a morte dos companheiros. Razão mais que suficiente para mais uma expedição de captura ou extermínio dos negros e índios.

Isso de fato aconteceu, alguns meses depois. Apesar de todos os cuidados, a paz de que gozavam os habitantes de Anzai nos últimos anos os levaram a relaxar a vigilância. Um batedor da tropa enviada viu a aldeia, de longe, e calculou o número de moradores pelo número



(...) Na verdade, um deles havia se retardado na pesquisa de ouro rio abaixo e vira tudo, a distância. (...)

de cabanas. Cento e cinquenta pessoas, no máximo.

O comandante da expedição preparou tudo com cautela, cortando possíveis rotas de fuga, e deixando o grosso da tropa para um ataque frontal na madrugada do dia seguinte. Eram cerca de cento e cinquenta homens, entre soldados, jagunços, aventureiros, mercenários e oportunistas de todo o tipo. Todos armados com armas brancas, e mais da metade tinha armas de fogo.

Quando 'Mbele percebeu o que estava acontecendo através de seus vigias, viu quão grave era a situação da aldeia. Desta vez eram eles os apanhados pelo elemento surpresa. Decidiu-se tentar promover a fuga das mulheres, velhos e crianças durante a noite. Os homens válidos tentariam fazer frente aos atacantes, mais numerosos, mais bem armados e treinados e em posições favoráveis.

Era uma situação desesperadora e a decisão quase suicida. De qualquer forma, não havia possibilidade de fuga. 'Mbele se propôs sair à noite com um grupo de combate e provocar alguma escaramuça, em local afastado, para dar tempo para os outros tentarem a fuga. O que não sabiam é que o comandante da tropa era homem experimentado e conhecia todas essas artimanhas da guerra. 'Mbele foi apanhado numa emboscada com seu grupo e, como não se renderam, morreram todos na

luta.

A fuga noturna também fracassou. Os fugitivos, na maioria, foram capturados e amarrados para serem conduzidos de volta às fazendas. Alguns mais rebeldes receberam pesados grilhões. Os demais, liderados por Uamba, desceram por uma ladeira que dava no rio, ainda durante a noite — sabiam que o ataque na manhã seguinte os liquidaria —, mas somente alguns puderam escapar. Uamba entre eles. Nadaram rio abaixo, por centenas de metros até poderem sair da água em local seguro.

O conhecimento da região lhes deu alguma vantagem. Muitos dos outros foram capturados ou mortos na tentativa de fuga. Ficaram escondidos no mato durante vários dias. Depois passaram a caminhar em direção ao Oeste da província. Jamais saberiam quantos sobreviveram ao cerco, quantos foram capturados, negros ou índios, e quantos conseguiram fugir. Era o fim de Anzai e de um sonho de liberdade.

9 o mundo dos vivos e o mundo dos mortos

"Para cada nova existência, o Espírito traz o que ganhou em inteligência e em moralidade nas suas existências pretéritas, assim como os germens das imperfeições de que ainda não se expungiu." (Kardec, Allan — Profissão de fé espírita raciocinada, item 24, in *Obras Póstumas*)

ATÉ mesmo aqueles habitantes de terras tão afastadas, como o sertão mineiro, sabiam das rápidas mudanças que ocorriam no país e no mundo. Os tropeiros traziam do Rio de Janeiro, de São João D'el Rey ou de Vila Rica, notícias sobre movimentos sociais que aconteciam no velho mundo europeu, e também no Brasil.

O imperador, Dom Pedro II, muito jovem ainda, não assumira de fato o governo do Império, e os regentes e ministros se viam às voltas com rebeliões por todo o País. Os fazendeiros temiam as vozes que clamavam contra a escravatura e se articulavam para combatê-las.

Jornalistas, escritores, políticos e mesmo visitantes estrangeiros escreviam e falavam abertamente contra a manutenção da escravidão negra no Brasil. Os mais esclarecidos percebiam que, por trás disso, havia interesses econômicos poderosos, oriundos da Inglaterra e de vários outros países denominados capitalistas.

A mão-de-obra escrava se tomava cara e cada vez mais inviável. O trabalho assalariado era a solução, e os imigrantes europeus chegavam em levas e levas crescentes, fugindo de uma Europa esgotada e cheia de lutas de todos os tipos.

Todos comentavam os acontecimentos, juntando os retalhos de informações recebidos com enorme atraso. O senhor Dias queria muito ir a Vila Rica verificar a procedência desses boatos. Trataria do assunto diretamente com quem estava mais bem informado e depois veria o que fazer. Por isso, assim que março anunciou o fim das chuvas e o outono chegou, começou a preparar a viagem em visita à filha e para se informar da situação.

Mais uma ou duas semanas e as terras estariam mais secas, e a carruagem já não correria tantos riscos de atolar-se na lama, e nem de perderem-se os presentes e as cartas enviadas pelos amigos e parentes. Pai José aguardava ansioso.

Continuava vendo ao seu redor antigos companheiros das lutas terrenas, já falecidos. Parecia que a velhice e a doença lhe davam crescente capacidade de ver e compreender os dois mundos, o dos vivos e o dos mortos, confundindo-os, às vezes. Sua alma desligava-se cada vez mais do corpo de carne e isso o punha mais em contato com o mundo dos Espíritos. Ele compreendia o fenômeno e não temia; pelo contrário, isso lhe agradava e reconfortava muito.

Por esses tempos, Espíritos de grande elevação moral e intelectual reencarnavam para impulsionar a humanidade para rumos novos. Novas ciências seriam criadas, especialmente no campo das ciências humanas e sociais. Haveria um rápido desenvolvimento das outras, chamadas ciências naturais.

Isso era importante em virtude do momento chegado de se constituir, na Terra, a ciência do

Espírito, incumbida de inaugurar uma nova era para a humanidade, propagando as verdades relativas à vida espiritual, separando o falso do verdadeiro, o charlatanismo e a mistificação das realidades extrafísicas, as lendas e superstições da verdade sobre Deus e a vida futura.

A viagem a Vila Rica

Por esses dias começaram a viagem em direção à Vila Rica do Ouro Preto. Uma penosa viagem em terras ainda inóspitas, mas uma viagem necessária. Dona Isabel ficou cuidando da administração da fazenda, tendo o filho mais velho de Antônio, o capataz, no lugar do pai.

Era uma grande responsabilidade, mas Bartolomeu tinha demonstrado boas condições para o encargo, apesar de seus dezessete anos. Além disso, conhecia muito bem a rotina da fazenda, por acompanhar o pai habitualmente.

A pequena caravana era constituída por uma carruagem puxada por duas mulas — animais mais apropriados para a região — onde o patrão viajava com sua bagagem e encomendas. Na boléia iam o cocheiro, o jovem Amâncio, e Pai José. Antônio e mais um homem de confiança, a cavalo e bem armados, faziam a segurança do pequeno grupo. Sempre existia o risco de assaltos por aquelas bandas.

Antônio conhecia bem o caminho e por isso seria o guia. As terras já secas e o tempo fresco do outono facilitavam a jornada. Abril era um bom mês para essas



(...) A pequena caravana era constituída por uma carruagem puxada por duas mulas (...)

viagens, nem frio e nem quente, sem chuvas fortes ou insetos em demasia.

Certo dia, ouviram o ranger distante das rodas de um carro-de-bois. Antônio enviou seu companheiro para verificar do que se tratava. Lucas voltou sorrindo, um sorriso vazio naquela boca quase sem dentes, e informou:

— Não é nada não, senhor, só o seu Alonso, a caminho do Oeste com seu carro-de-bois carregado até em cima com todo tipo de coisa. O mesmo de sempre. Traz seu filho Ezequiel com ele e aquele mundo de coisas para vender por toda parte.

O senhor Alonso, um homem com mais de cinquenta anos, já era bem conhecido na região. Sua vida era fazer comércio de quinquilharias adquiridas em Vila Rica, indo e vindo o ano todo. Levando e buscando encomendas. Quando se aproximou com o filho, o *candeeiro*, como chamam aquele que vai à frente do carro, puxado por duas juntas de bois, deu notícias de que a estrada estava boa e que não

havia comentários sobre banditismo. Disse ainda que Vila Rica continuava minguando.

O ouro tinha quase acabado e toda aquela gente se mudava para Goiás ou São Paulo, mudando também de atividades. Café e gado eram as opções para quem tinha algum dinheiro.

Por fim, o senhor Dias avistou Vila Rica, após aquela temporada dormindo em precárias estalagens de beira de estrada ou em acampamentos improvisados. Tocou direto para a casa da filha e do genro. Foram todos recebidos com carinho.

Pai José sentia um misto de alegria e angústia; um enorme aperto no peito. Desde a fuga, há décadas, não tinha mais posto os pés na Vila. Aos seus olhos ela continuava a mesma. Menos gente, de fato, mas ainda bonita com todo aquele casario colonial e as belas igrejas. Lucinda e Jourdain o receberam como a um convidado especial. Jourdain, notando sua decrepitude, o ajudou a descer da carruagem e carregou sua pequena bagagem. O velho o olhava com extrema ternura. Aquele gesto demonstrava que o mundo ainda tinha alguma esperança, que o coração dos homens podia mudar.

O jantar daquela noite foi longo. Notícias, novidades, lágrimas e risos, trocas de presentes e confidências. O senhor Dias não escondeu sua alegria quando soube da gravidez da filha. A idéia de ter um neto lhe agradava muito. Imaginava a reação da mãe de Lucinda quando soubesse.

Já era tarde quando foram se deitar. Pai José foi conduzido a um quarto dos fundos, onde se arranjou para dormir. Recusara-se a comer na mesma sala que os brancos. Era demais para ele. Engasgaria na certa. Mas aceitou o pequeno quarto oferecido por Lucinda e Jourdain. Estimava cada vez mais o jovem casal e via nele os indícios de um futuro melhor para os de sua raça.

No dia seguinte foram visitar sinhá Ana. Pai José sentia-se tremer por dentro. Como a ex-patroa o receberia? Percebeu que ainda sentia-se escravo embora já não o fosse, e os tempos estivessem efetivamente mudando. Chegando à casa de sinhá Ana, anunciaram-se a uma velha escrava que a acompanhava desde muito. Foram recebidos com o respeito e afeto que imaginavam.

Quando a velha senhora pôs os olhos em Pai José não se conteve e chorou. Estava ali, diante dela, aquele rapaz que ela ajudara a fugir com um bando de negros há tanto tempo. Vivo! Muito envelhecido agora e cansado da vida, tanto quanto ela, mas... vivo!

— José, meu amigo, o que posso dizer ao revê-lo? Tenho mil coisas para lhe contar, quero saber tudo que houve depois... depois de tanto tempo, corrigiu, antes de mencionar a fuga.

— Sinhá, não imaginava poder vê-la ainda viva nesta vida, e agradeço a Deus o que agora acontece. Já posso morrer em paz, minha senhora.

— Não fale em morrer, José, temos muito que conversar. Já soube através de Lucinda sobre a atitude



do pai dela com relação aos negros e aos escravos, e sei também de sua amizade pelo jovem Jourdain. Teremos muito que conversar, todos nós — disse — olhando os visitantes.

Realmente, naqueles dias, foram inúmeros os encontros e passeios pela cidade. Muita conversa sobre os velhos e novos acontecimentos. Antônio providenciava as encomendas de sinhá Isabel, o senhor Dias buscava informar-se sobre tudo que ocorria no País e no mundo. O casal Lucinda e Jourdain faziam o que podiam para agradar a todos, e sinhá Ana e José conversavam como velhos amigos, na Terra e no mundo espiritual, como realmente eram.

Os dias foram passando, numa suspeita calma que prenunciava alguma tempestade, ainda fora do alcance da vista. Na vida espiritual, amigos os acompanhavam de perto; longe dos olhos carnis de todos, exceto de Pai José. Dentre eles, Antônio, Natanael, Genoveva e o casal Mário e Mariana.

10 Crepúsculo

"Todas as religiões têm por base a existência de Deus e por fim o futuro do homem depois da morte. Esse futuro, que é de capital interesse para a criatura, se acha necessariamente ligado à existência do mundo invisível, pelo que o conhecimento desse mundo há constituído, desde todos os tempos, objeto de suas pesquisas e preocupações." (Kardec, Allan — Manifestações dos Espíritos, item 3, in *Obras Póstumas*)

Os DIAS corriam céleres para os visitantes em Vila Rica. Lucinda e Jourdain retomaram sua rotina de vida. Principalmente o jovem francês, continuava seu trabalho para as autoridades locais, e como guarda-livros de alguns comerciantes do lugar. Pai José percorria a cidade colonial revendo lugares e alguns conhecidos de outros tempos, muitas vezes em companhia de sinhá Ana.

O senhor Dias cuidava de seus interesses, enquanto o capataz, Antônio, e o ajudante atendiam igualmente a pequenos favores e pedidos de moradores da fazenda. Pequenas compras, recados, notícias para parentes. Um corre-corre que lhes ocupava todo o tempo de forma agradável.

Pai José preocupava-se principalmente com seu jovem amigo, porque o via sempre cansado e entristecido. As vezes conversavam por longas horas. O velho negro lhe contara sobre suas visões e pressentimentos. A formação católica de Jourdain lhe dava uma idéia vaga, embora incompleta e imprecisa, sobre as coisas da vida além da morte.

Na verdade, as concepções tradicionais de céu e inferno não o convenciam. Seria um céptico, não

fora a convivência com o ex-escravo. Não via motivos para não acreditar no velho e pensava sobre as conseqüências de tudo aquilo que ele lhe dizia, caso fosse realmente verdade. Pensava na existência de um mundo dos Espíritos e, apesar de não compreender bem toda a amplitude da questão, a idéia não o desagradava. Comentava tudo com a esposa, feliz por aguardar a chegada do primeiro filho.

Certa noite, Pai José foi deitar-se mais cedo que de costume, alegando indisposição. Desejaram-lhe um bom sono e prosseguiram no serão rotineiro. Lucinda, ao cravo, tocava delicadas melodias. Pai José acomodou-se no leito simples com fortes dores no peito. Sentia algo estranho, cobriu-se e acabou por adormecer.

Na manhã seguinte, como ele não fora visto cachimbando no pátio, como se fizera um hábito desde que chegara, Jourdain foi chamá-lo e ver como estava. Notou o velho negro imóvel na cama. Aproximou-se e pôs sua mão em seu ombro, chamando-o pelo nome. Como não houve resposta pousou sua mão no rosto do velho. Estava frio. Apalpou seu pescoço e não sentiu pulsação alguma. Verificou com mais cuidado e constatou a morte de Pai José, durante o sono. Sentiu enorme tristeza, ficando ali, a olhá-lo por algum tempo, antes de comunicar aos demais o ocorrido.

Sinhá Ana veio logo que soube do falecimento do velho amigo. Orou fervorosamente por ele. Não chorou. Sua velhice lhe dava alguma compreensão da morte e já não tinha lágrimas quase. Sua escrava fez contato com os negros da Irmandade do Rosário, que providenciaram o sepultamento, dentro de seus costumes; um sincretismo de ritos e orações trazidas da África e da religião católica. Mas as dores dos novos tempos não deveriam cessar por ali. O pai de Lucinda já falava em retomar para a



(...) Sentiu enorme tristeza, ficando ali, a olhá-lo por algum tempo, antes de comunicar aos demais o ocorrido. (...)

fazenda, pois tinha cumprido o que planejara. Já fazia três semanas que estavam em Vila Rica, e eram necessários alguns dias de viagem até onde ficavam suas terras.

Lucinda e Jourdain, no entanto, lhe pediram que ficasse mais alguns dias. Sua companhia era-lhes agradável e não sabiam quando o veriam novamente. Ademais, os pais de Jourdain estavam vindo da França, sem data prevista para chegada, infelizmente. Mesmo assim, quem sabe não chegariam a tempo de vê-lo?

A morte de Jourdain

Poucos dias depois, o jovem estrangeiro, ainda triste com a morte do amigo, dirigiu-se a Cachoeira do Campo, três léguas a oeste de Vila Rica e onde ficava o palácio de verão do governador local. Foi a cavalo, levando seus documentos e material de trabalho. Se tudo corresse como esperado, estaria de volta antes de o Sol se pôr.

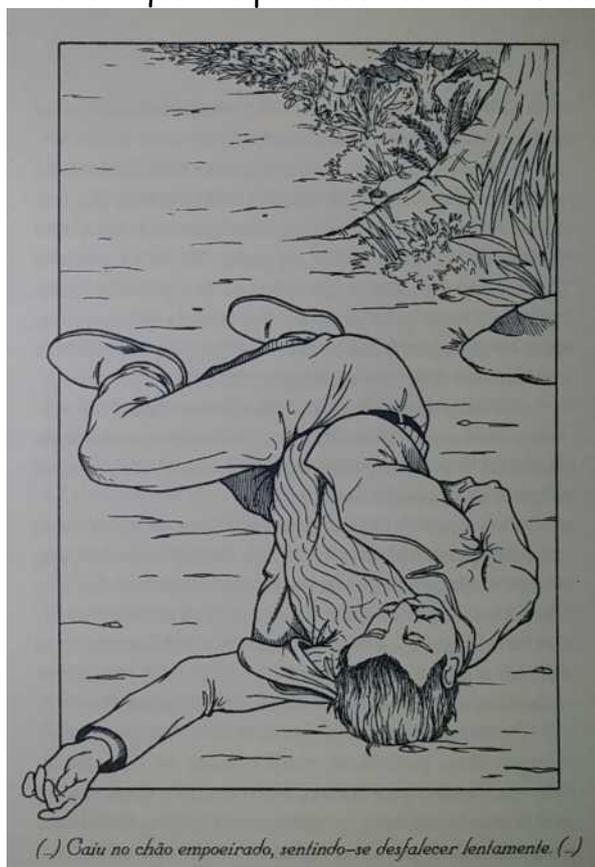
Enquanto isso, Lucinda, em companhia de seu pai, foi mais uma vez visitar sinhá Ana, ainda mais alquebrada após a morte de José. Conversaram longamente sobre um pouco de tudo. O senhor Dias compreendia a seu modo aquela situação, e não escondeu sua estima pelo falecido. Por causa dele muita coisa tinha mudado na fazenda, no que se referia ao trato com os escravos. Sinhá Ana sorria satisfeita. Pai José tinha realizado seus ideais, de um jeito ou de outro.

Poucas horas antes de o Sol sumir no horizonte, Jourdain terminou seus compromissos e iniciou a cavalgada de volta à Vila. No dia seguinte deveria ir à cidade de Mariana, próxima a Vila Rica, para outros afazeres. Tinha também compromissos para quando viajasse a Sabará.

A meio caminho de volta, porém, foi abordado por um homem encapuzado que lhe apontou uma pistola, mandando-o descer do cavalo. Jourdain explicou que nada tinha de valor, mas que — se quisesse — levasse o cavalo e o deixasse prosseguir a pé. Mal acabara de argumentar quando sentiu uma dor aguda no lado esquerdo das costas. Sentiu-se amolecer e deslizar da sela, sem forças. Caiu no chão empoeirado, sentindo-se desfalecer lentamente. Ainda pôde ouvir o encapuzado dizer ao companheiro que o atacara por trás:

— Por que fez isso? Não era preciso matar o moço. Idiota! Agora seremos caçados feito bichos. E veja só, não tem nada de valor, e nem pensar em levar o cavalo. Algumas moedas, um pouco de ouro em pó, um relógio... essa papelada. Só isso. Teremos que fugir pelo mato.

—Pensei que ele pudesse nos reconhecer de algum modo, por isso o matei. — Disse o outro.



(...) Caiu no chão empoeirado, sentindo-se desfalecer lentamente. (...)

—Você não pensa! Como ele poderia nos reconhecer se estamos com os rostos cobertos?

Enfiaram-se pelo mato apressados. Sabiam da perseguição que lhes seria movida pelas autoridades. Um assalto sem mortes já era problema sério, mas com uma vítima fatal, era a força na certa. Na fuga rumo a Congonhas do Campo, um deles acabou pisando numa valeta cavada pela chuva e escondida pelo capim, quebrando a perna. Isso retardou a fuga e possibilitou a captura dos dois,

depois de poucos dias.

Tinham cometido outros assaltos na região, além de haver mais uma vítima fatal. Contava-se que molestavam mulheres por onde passavam. Foram executados, após julgamento, na sede da província.

Para Lucinda foi um tremendo choque ver o corpo sem vida do marido. O cavalo fora visto por um viajante ocasional que, em seguida, viu o corpo estendido no chão. Colocou-o sobre a sela e conduziu-o para Vila Rica. O Capitão da guarda, amigo pessoal do jovem francês, ficou furioso e disposto a revirar a região pelo avesso até encontrar quem fez aquilo. Acabaria acontecendo.

A consternação era geral. Além dos parentes e amigos mais próximos, muita gente na Vila ficara chocada com a morte do moço, que se fizera querido pelo seu modo de ser, tanto quanto por suas idéias. Sinhá Ana comentou de si para si:

— Vila Rica, uma bela cidade, mas que nunca deixa de cobrar seu preço. Sempre mortes, sempre dos mesmos, sempre pelas mesmas razões.

Referia-se, sem dúvida, às vítimas que conhecera ao longo de sua vida, em função de ideais de liberdade e justiça. Eram sempre eles as vítimas. Até quando, se perguntava.

Lucinda não parava de chorar. Amava profundamente o marido e não sabia o que seria dela e do filho, que ainda estava por nascer, de agora em diante. No curto período de duas semanas, duas mortes, a de José e a de Jourdain.

Suplicava a Deus que ambos tivessem razão quanto à existência de um outro mundo, onde as almas libertas vivem e podem rever seus amigos na Terra. Más notícias aguardavam os pais de Jourdain quando chegassem.

O senhor Dias assumiu o controle da situação. Escreveu uma longa carta endereçada à família do jovem e deixou-a com as autoridades locais. Nela, os convidava a ir conhecer Lucinda, a esposa do falecido, e o neto que estava por chegar. Sinhá Ana incumbiu-se de dar detalhes à família e procurar convencê-los a ir até a fazenda dos Dias.

Lucinda voltaria imediatamente para a companhia dos seus, onde teria o apoio moral de que tanto necessitava, e dos cuidados com sua saúde e com a criança. O senhor Dias já amava o neto, e agora mais ainda, pois era o herdeiro do jovem que o fizera ver outros aspectos da vida, quase tanto quanto o velho José.

Iniciaram, assim, os preparativos para a viagem de regresso. Antônio cuidava dos detalhes para que sinhá Lucinda não sofresse muito com os solavancos da carruagem. Seria uma viagem mais lenta que de costume, teriam que parar muitas vezes.

O jovem Paul Jourdain, após o desfalecimento causado pelo golpe de punhal que o matara, foi acolhido com carinho por amigos da vida espiritual. Tinha completado uma curta jornada pela Terra. Curta, porém proveitosa.

Nos braços amigos daqueles que o recolheram em Espírito, foi levado a uma colônia de recuperação. Aos poucos recobrava a consciência e tomava conhecimento dos novos fatos. Viu que Pai José tinha razão quanto ao mundo dos Espíritos.

Novos rumos

A viagem de regresso à fazenda se fez em angustiada silêncio. Nem Antônio e seu ajudante falavam muito. O cocheiro, menos ainda. Foi um regresso triste. Todos estavam ainda perturbados com os acontecimentos das últimas semanas. Lucinda, não contava para ninguém, mas sentia o seu pensamento ser invadido pela figura de Sinhá Ana com freqüência. Será que a velha e generosa senhora também estava no fim de sua vida terrena?

A jovem mãe era a mais acabrunhada dentre todos. Quase não falava, pouco comia. O senhor Dias insistia para que superasse todo o acontecido, se não por ela, pelo filho — ou, quem sabe, filha — que estava a caminho. Deixou-se convencer e começou a alimentar-se um pouco mais. A escrava que a acompanhava fazia o

que podia pela sinhazinha, procurando adivinhar-lhe os mais recônditos desejos e pensamentos.

Era assim mesmo. A relação entre senhor e escravo nas Gerais era, certas vezes, um tanto paradoxal. Um vínculo de mútua dependência costumava ligar as duas castas e raças por necessidades recíprocas. Coisas que só uma visão imortalista da vida pode explicar.

Um antigo e mau costume esse o de tornar propriedade particular um outro ser humano. No entanto, do ponto de vista espiritual muita coisa se explicava, embora não se justifique a existência da escravidão, nem da servidão sob qualquer forma, em qualquer tempo ou lugar.

O conhecimento que os negros e índios tinham sobre as plantas, a saúde e coisas da vida espiritual os tomara importantes na vida dos brancos. A cultura derivada disso tinha peculiaridades muito próprias.

Finalmente, quando o Sol já tocava a linha do horizonte com a parte inferior de seu disco, entraram nas terras de propriedade do senhor Dias. Atravessaram a ponte sobre o ribeirão que abastecia o local e continuaram o caminho. Mais meia légua e estariam em casa. O ajudante de Antônio disparou a cavalo pela estrada para anunciar a chegada da comitiva à patroa. Assim, algumas coisas poderiam ser arranjadas já de antemão.

Aquele crepúsculo marcaria para sempre a vida de Ludnda, que sentia a necessidade de ser mais forte, agora pelo filho e em memória de seu marido. Não poderia ser menos que forte, por ele e por outros que queriam um mundo melhor. Com o olhar fixo no Sol poente, pediu a Deus que lhe desse as forças necessárias para superar tudo, viver e que, se possível, lhe permitisse rever, um dia, os amigos que já tinham partido para a vida espiritual. Sentiu algum reconforto interior e acalmou-se um pouco, apesar de sua dor e abatimento.

Deus ouvira seus preces — como ouvia toda prece feita com o coração — e lhe enviava amigos da vida verdadeira, para auxiliá-la nas tarefas que lhe cabia cumprir enquanto na Terra. Reveria sim os amigos, Pai José e o esposo a aguardariam oportunamente, quando chegasse a sua hora.

Mas antes, havia muito por fazer. Havia um mundo em profunda transformação e não havia aquele que não sentisse isso, estivesse ou não vivendo na carne.

Os ruídos e a gritaria causados pela chegada da carruagem tiraram Lucinda de suas divagações. Viu quando a mãe desceu os três degraus da Casa Grande e sentiu uma imensa vontade de viver. Os irmãos correram atrás.

O Sol já se escondia por completo no horizonte, e algumas estrelas despontavam no céu escurecido, quando deu entrada na Casa. Antônio descarregou a bagagem e levou a carruagem e os animais para os locais apropriados. Estavam todos de volta ao lar.

Notas sobre Vila Rica, Ouro Preto e Inconfidência Mineira

1 — Já em 1823 Vila Rica passou a ser chamada de Ouro Preto, nome oficializado a partir de 1837. Mantivemos o nome antigo devido ao longo período abrangido pelo enredo do romance.

2 — Antes mesmo de acontecer a tentativa de rebelião que ficou conhecida como Inconfidência Mineira, muitos de seus principais membros, homens ricos e de renome na capitania, defendiam — além da República para o Brasil — o fim da escravidão, como se pode ver por esse trecho do Canto Genetliaco*, de Inácio José de Alvarenga Peixoto, um dos principais revolucionários.

Em todos os tempos e lugares, sempre encontraremos homens e mulheres, ricos ou pobres, lutando por ideais elevados.

"Esses homens de vários ocidentes,
Pardos e pretos, tintos e tostados,

São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços acostumados;
Eles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços afeitos
ao trabalho."

3 — Ouro Preto foi sede do governo mineiro até a construção de Belo Horizonte, nova capital, a partir de 1897.

*N.E. Genetlítico: "relativo ao nascimento", "aquele que prevê o futuro do recém-nascido pela observação dos astros".

Dados do autor



1- Dados profissionais:

Professor de Sociologia na Universidade Federal de MG (UEMG);—unidade de Divinópolis/Minas.

2- Dados pessoais:

Nasci em Santo Antônio do Monte/MG, em 29/08/57, passando minha adolescência e juventude em Belo Horizonte, capital mineira, onde estudei Ciências Sociais pela UFMG e mais tarde, já residindo em Divinópolis, fiz pós- graduação na área de Ciência Política, na PUC-MG.

3- Sobre o livro Torre de Marfim:

a) Qual a origem deste livro? É obra mediúnica? *"Este livro foi parcialmente inspirado nas histórias dos quilombos em MG. Particularmente do Quilombo do Ambrósio, que existiu perto da cidade de Ibiá. Este Quilombo está para Minas como o de Palmares está para o Nordeste. Quanto a ser ou não obra mediúnica, esse é um divisor difícil de ser estabelecido, pois todos nós brasileiros da atualidade, certamente já tivemos outras vidas no Brasil. Explicitamente mediúnica não é.*

Nesses casos, não é fácil separar o anímico do mediúnico, estabelecer uma fronteira rígida entre o anímico e o atávico. Aliás, há quem afirme que tudo que se escreve é, de algum modo, anímico-mediúnico."

b) Por que você escreveu este livro?

"Nos livros anteriores: Os Sonhos de Mariana e A outra margem, a temática da liberdade é a essência da trama. Neste livro o tema é retomado, desta vez em meados do século XIX, durante as lutas libertárias e pelo fim da escravidão negra no Brasil.

A questão da liberdade, a que tipo de liberdade aspiramos, e o que fazer com ela é uma questão ainda aberta. Todos queremos ser livres, da dor, da doença, da miséria, da ignorância, da servidão econômica, dos maus tratos e de tanta coisa mais. Mas ainda não sabemos como alcançar essa liberdade, talvez porque nos esquecemos que a verdadeira liberdade é a do Espírito.

O livro Torre de Marfim procura levantar o assunto para a reflexão do leitor, utilizando um fundo histórico real e situações que lhe permitam conscientizar-se sobre o que é a liberdade e o que fazemos com ela, se alcançada.

Na verdade, o que pretendemos é demonstrar que a liberdade espiritual é a única, verdadeira e duradoura."

Dados do ilustrador



Danilo Roberto Perillo, é natural de Ourinhos-SP (11/10/75).

Reside atualmente em Capivari-SP, tendo morado em Rafard-SP entre 1978 e 1988.

Desde muito cedo já se destacava, desenhando em sala de aula e em 1995 ingressa no Curso de Artes Plásticas da Universidade Estadual de Campinas. Em 1997 realiza as primeiras ilustrações para a Editora EME e desde então executa vários trabalhos para a Editora.

Participa, em 1998, do 25º Salão Internacional do Humor de Piracicaba na categoria cartum.

Formado em Artes Plásticas desde 2001, | atualmente o responsável técnico pelo laboratório de Gravura do Instituto de Artes da UNICAMP.